

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação

Análise de capas da revista *Veja*:

A construção midiática da legitimação do processo de *impeachment* da presidenta
Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos

Susana Silveira Correa

Pelotas, 2018

Susana Silveira Correa

Análise de capas da revista *Veja*:

A construção midiática da legitimação do processo de *impeachment* da presidenta
Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras do Centro de
Letras e Comunicação da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C824a Correa, Susana Silveira

Análise de capas da revista *Veja* : a construção midiática da legitimação do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos / Susana Silveira Correa ; Adail Ubirajara Sobral, orientador. — Pelotas, 2018.

93 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Bakhtin. 2. Processo de impeachment de Dilma Rousseff. 3. Relação dialógica. 4. Dialogismo. 5. Gênero de discurso. I. Sobral, Adail Ubirajara, orient. II. Título.

Susana Silveira Correa

TÍTULO: Análise de capas de revista veja: a construção midiática da legitimação do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos.

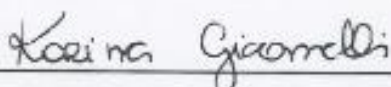
Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Linguística Aplicada, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

21 de dezembro de 2018

Banca examinadora:



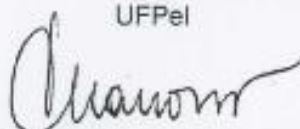
Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral
Orientador/Presidente da banca
UFPel



Profª. Drª. Karina Glacomelli
Coorientadora
UFPel



Profª. Drª. Cleide Inês Wittke
Membro da Banca
UFPel



Profª. Drª. Fabiane Villela Marroni
Membro da Banca
UCPel

Dedico esta dissertação aos meus pais, Djanira e Nei Antônio, pelo apoio incondicional, incentivo em todos os momentos e, principalmente, por todo o amor que sempre dedicaram a mim.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e aos meus guias espirituais por toda proteção e amparo nos melhores e nos piores momentos da minha vida.

Agradeço aos meus pais, especialmente à minha mãe, por tudo o que sempre fez e faz por mim, estando ao meu lado em toda e qualquer situação.

Agradeço a meus irmãos, principalmente minha irmã Bruna, pelas conversas enriquecedoras.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador, Adail Sobral, por todos os ensinamentos, por todo conhecimento compartilhado e, especialmente, por ser um ser humano incrível, contribuindo cientificamente, e humanamente, para que fosse possível a conclusão deste trabalho.

Também não poderia deixar de agradecer às professoras Ercilia Ana Cazarin e Carmen Matzenauer, por todo carinho, torcida, incentivo e ensinamentos compartilhados.

Ainda agradeço à Universidade Católica de Pelotas pela bolsa de mestrado concedida e à Universidade Federal de Pelotas pela acolhida no último ano de mestrado.

"O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro".

Mikhail Bakhtin

Resumo

CORREA, Susana Silveira. **Análise de capas da revista *Veja***: A construção midiática da legitimação do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos. 2018. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

O presente trabalho visa investigar como um órgão da mídia, a revista *Veja*, mobilizou recursos para promover o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Vana Rousseff (presidente de 2011 a 2016). O *corpus* analisado contém 14 capas da referida revista. Com o objetivo de atingirmos a meta proposta, lançamos mãos do aporte teórico dos estudos do Círculo de Bakhtin, mais precisamente a teoria dialógica da linguagem, com destaque para as noções de relações dialógicas e de gênero do discurso. Durante a construção do *corpus*, levamos em consideração a escolha do veículo de informação para representar a mídia brasileira e o gênero discursivo que seria analisado de modo a desvelar o posicionamento desse veículo midiático visando legitimar um processo de *impeachment* motivado por uma argumentação jurídica muito frágil. No que se refere às considerações a que pudemos chegar ao final das análises das capas, podemos dizer que a revista *Veja* fugiu da imparcialidade, que se afirma ser a marca característica do jornalismo de informação e não cumpriu sua responsabilidade social de orientar o entendimento do leitor. A revista se mostra claramente membro do corpo de adversários políticos de Rousseff.

Palavras-chave: bakhtin; processo de *impeachment* de Dilma Rousseff; relação dialógica; dialogismo; gênero de discurso.

Abstract

CORREA, Susana Silveira. **An analysis of covers of *Veja* magazine**: The mediatic construction of the legitimation of President Dilma Rousseff's impeachment process according to Bakhtinian studies. 2018. 93f. Dissertation (Master in Letters) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

The present work aims to investigate how a mediatic publication, magazine *Veja*, mobilized resources to promote former president Dilma Vana Rousseff (governing from 2011 to 2016) process of impeachment. The corpus analyzed contains 14 covers of the said magazine. With the goal of reaching the proposed target, we used theoretical studies by the Bakhtin Circle, more specifically the dialogical theory of language, with a special emphasis on the notions of dialogical relations and speech genre. During the construction of the corpus, we considered the choice of that information vehicle to represent Brazilian media and the speech genre to be examined so as to reveal the positioning of the vehicle in the universe of media aiming to legitimize an impeachment process motivated by a very weak legal argument. With regard to the considerations that we were able to develop at the end of the analysis of the covers, we can say that magazine *Veja* ran away from impartiality, which is claimed to be the hallmark of information journalism and has not fulfilled its social responsibility of guiding readers' understanding. The magazine clearly shows to be part of the body of Rousseff's political opponents.

Keywords: Bakhtin; Dilma Rousseff's impeachment process; dialogical relations; dialogism; speech genre.

Lista de Figuras

Figura 1	Bolsonaro cresce. E assusta.....	26
Figura 2	Capas da revista Veja escolhidas para este estudo.....	39
Figura 3	O Brasil pede socorro.....	40
Figura 4	Enunciado secundário da capa O Brasil pede socorro.....	41
Figura 5	O primeiro político fala.....	42
Figura 6	Legenda informativa.....	43
Figura 7	Por que caem os presidentes.....	45
Figura 8	Quesitos que fariam com que a ex-presidenta perdesse o seu mandato.....	45
Figura 9	Síntese do enunciado principal.....	46
Figura 10	Ela passou a faixa.....	48
Figura 11	Empreiteira do petrolão pagou reforma do apartamento de Lula (prévia jornalística).....	49
Figura 12	O plano Temer.....	50
Figura 13	Investigação sobre caixa dois de Fernando Pimentel (prévia jornalística).....	51
Figura 14	Impeachment.....	52
Figura 15	Especial 24 páginas.....	53
Figura 16	A máquina do atraso de Dilma.....	56
Figura 17	Aí a nossa nova matriz econômica.....	57
Figura 18	Subtítulo do enunciador.....	57
Figura 19	A hora da verdade.....	60
Figura 20	O tríplex de Lula.....	61
Figura 21	Manchete A Hora da verdade.....	61
Figura 22	Vai passar.....	63
Figura 23	Subtítulo da capa Vai passar.....	63
Figura 24	Chocolate amargo.....	65
Figura 25	Os bebês e o zika.....	66
Figura 26	O desespero da jararaca.....	66

Figura 27	Título O desespero da jararaca.....	68
Figura 28	Subtítulo especificando o desespero de Lula.....	68
Figura 29	Dilma em liquidação.....	69
Figura 30	Título Dilma em liquidação.....	69
Figura 31	Subtítulo Superqueima de cargos.....	70
Figura 32	Alerta aos deputados.....	70
Figura 33	Tchau, Querida. Tchau, Querido.....	72
Figura 34	Título Tchau, Querida. Tchau, Querido.....	72
Figura 35	Subtítulo prega a ideia de um Brasil livre de corrupção sem Dilma.....	73
Figura 36	Tópico enfatizando o impeachment de Dilma.....	73
Figura 37	Intenção enunciativa de uma reviravolta no contexto político.....	74
Figura 38	No topo da cadeia.....	75
Figura 39	Exclusivo: Delações explosivas.....	75
Figura 40	Edição exclusiva.....	76
Figura 41	Odebrecht cita Temer.....	76
Figura 42	Edição Histórica.....	78

Sumário

1	Introdução.....	11
2	Linguagem na perspectiva bakhtiniana	15
2.1	Círculo de Bakhtin	15
2.2	Perspectiva bakhtiniana de linguagem.....	17
2.3	Os Gêneros do Discurso	22
2.3.1	Gênero capa de revista.....	26
3	Conjuntura política brasileira no período analisado (2015-2016).....	29
3.1	A política brasileira em 2015.....	29
3.2	A política brasileira em 2016.....	31
3.3	Processo de <i>impeachment</i> no Brasil	33
3.3.1	Processo de <i>impeachment</i> contra Dilma Rousseff	35
3.4	A influência midiática materializada na revista <i>Veja</i>.....	36
4	Análise metodológica de capas da revista <i>Veja</i>.....	38
4.1	Análise das capas veiculadas em 2015.....	39
4.1.1	Considerações parciais das análises de 2015.....	58
4.2	Análise das capas publicadas em 2016	60
4.2.1	Considerações parciais das análises das capas veiculadas em 2016.....	79
5	Considerações finais	81
	Referências	86

1 Introdução

A presente pesquisa visa a investigar como a legitimação do processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Vana Rousseff foi construída pela mídia considerando um caso específico. Sabe-se que Dilma foi afastada definitivamente da presidência do Brasil no dia 31 de agosto de 2016, porém, a efetivação do processo percorreu um longo caminho para ser legitimada. Durante os anos 2015-2016, a então presidenta foi alvo de várias represálias e manifestações que visavam a sua retirada do poder.

O processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff foi motivado partindo de argumentos jurídicos muito frágeis. No entanto, percebemos que a mídia se utilizou de recursos verbais e não verbais para propagar e disseminar as informações que mais lhe eram convenientes.

A hipótese que formulamos para dar rumo à nossa investigação, se configura na ideia de que os artifícios de divulgação midiática do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff não foram usados com isenção, pois se percebe que, durante o seu governo, algumas iniciativas, como a democratização da mídia, não foram bem aceitas pelos meios de comunicação mais favorecidos com o monopólio de informações. Assim, julgamos que a mídia articula a divulgação de informações de modo a tornar legítimo e parcial o posicionamento ideológico de quem se propõe a favorecê-la, bem como se beneficia do próprio discurso de imparcialidade para, de forma subentendida, disseminar uma dada forma de pensar e de agir na sociedade brasileira. Como são a maior fonte de informação da população, os grandes centros midiáticos têm o poder de direcionar o que será revelado, ou seja, detêm o poder de manipular o que será, e como será noticiado, definindo a versão dos fatos a partir de seus interesses privados e corporativos.

Tendo como base esse cenário político, buscamos analisar manchetes da Revista *Veja*, publicadas no período de agosto de 2015 a setembro de 2016, procurando demonstrar como a mídia articulou recursos para impedir a permanência de Dilma no governo. Notamos que, nesse espaço de tempo, embora a presidenta fosse suspeita de ter cometido crimes de responsabilidade, não tinha provas e ela não havia sido condenada e, no entanto, grande parte das notícias divulgadas, envolvendo o nome da presidenta, era de cunho negativo. Durante esse período, a revista *Veja* teve 57 edições publicadas, das quais 14 foram escolhidas para análise em razão de sua representatividade quanto ao tema do trabalho.

De modo geral, temos o objetivo de analisar, com base na abordagem teórica do Círculo de Bakhtin, de que modo a mídia brasileira, tomando como exemplo a Revista *Veja*, influenciou para que o processo de impeachment fosse legitimado.

Mais especificamente, pretendemos, através de nossas análises, identificar as estratégias discursivas utilizadas pela revista *Veja* para legitimar o processo de *impeachment* da Presidenta Dilma, verificar a repercussão que o discurso midiático da revista obteve nesse sentido, bem como desvelar os recursos usados nesses textos jornalísticos, que manifestam o posicionamento ideológico da revista.

Para tanto, o presente trabalho norteou-se em duas questões fundamentais:

- Quais as estratégias discursivas adotadas pela revista *Veja* para persuadir o leitor da legitimidade do *impeachment* de Dilma Rousseff?

A mídia utiliza um discurso de aparente imparcialidade para encobrir a posição ideológica que assume em sua esfera de atuação?

A escolha do tema justifica-se, em primeiro lugar, pela necessidade de compreender como a atual conjuntura política foi articulada pela mídia. Outra justificativa é o interesse em investigar como a mídia, com seu jogo de manipulação e infinitos recursos, é capaz de distorcer fatos, criando vilões e heróis a partir do posicionamento ideológico que assume e dissimula.

Para darmos suporte à pesquisa, vamos fundamentá-la com a abordagem teórica e analítica do Círculo de Bakhtin, sendo as relações dialógicas o princípio axial da perspectiva bakhtiniana. Os indivíduos se constituem e se alteram a medida que interagem com outros, e essa interação se dá por meio das relações dialógicas. Segundo a teoria dialógica de Bakhtin, é impossível que alguém consiga expressar e assumir uma determinada posição sem antes relacioná-la com outras posições. Ou

seja, o sujeito constrói sua identidade, seus pensamentos, suas opiniões a partir do diálogo e da postura valorativa que assume diante da identidade, dos pensamentos e das opiniões de outros sujeitos.

Partindo da premissa de que todo signo carrega consigo um conteúdo ideológico, podemos dizer que não existe discurso neutro, e toda e qualquer forma de enunciação será carregada de intenções, formalizadas para expressar ideias e/ou pensamentos que tenham utilidade no momento de diálogo.

Assim, podemos dizer que tudo o que produzimos em termos de linguagem está intrinsecamente relacionado com a ideologia, impulsionado por um determinado interesse e acentuado pelo tom valorativo. Todo enunciado é constituído a partir de outros. Todo discurso é dialógico, direcionado a alguém, e visa a suscitar uma resposta/réplica.

A noção de gênero discursivo formulada pelo Círculo também trará grandes contribuições para esta pesquisa, uma vez que investigaremos o gênero notícia dentro da esfera jornalística. Bakhtin (2010), conceitua os gêneros como tipos de enunciados dotados de relativa estabilidade, sendo o fator que determina o falante no processo discursivo, necessário para que a interação ocorra.

O objetivo discursivo fica explícito quando optamos por um determinado gênero em uma dada esfera social, pois as características do gênero escolhido denotam as particularidades da esfera social em que ele circula. Compreender os gêneros a partir dos estudos do Círculo significa vinculá-los diretamente com as atividades humanas. Bakhtin (2010), distingue os gêneros em primários, aqueles que são referentes às situações mais simples do cotidiano, e secundários, aqueles que são mais complexos, presentes em situações mais formalizadas.

Segundo Fiorin (2006), todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. Assim, o dialogismo se funda nas relações de sentido que se estabelecem entre dois ou mais enunciados. O enunciado bakhtiniano é a unidade real e concreta de interação. Cada enunciado é novo, é único, assumindo sua posição no diálogo estabelecido.

No gênero notícia, escolhido para análise, o mais importante é a divulgação de acontecimentos sociais; e, a partir de traços próprios, o autor da notícia não manifestaria diretamente a sua opinião sobre o fato, mas introduziria vozes outras para dar ênfase aos objetivos de seu texto. Percebemos que existe uma relação dialógica entre as várias vozes que compõem, mesmo que indiretamente, o discurso

da notícia. Essa relação continua sendo estabelecida mesmo que seja o leitor persuadido ou não pelo conteúdo divulgado. Os principais pontos da teoria bakhtiniana serão abordados no primeiro capítulo que norteia esta investigação, de uma perspectiva discursiva.

Com a finalidade de dar sustentabilidade às análises das capas escolhidas e tornar viável o entendimento da conjuntura política que se formou no Brasil, no segundo capítulo, nós faremos um breve histórico abordando o cenário político brasileiro, a história do processo de *impeachment* e como a mídia atuou articulando recursos para legitimar o fim da era do Partido dos Trabalhadores (PT) no comando do governo federal brasileiro.

O terceiro capítulo abordará a metodologia escolhida para fazermos as análises das capas da revista *Veja*. Diante do que nos propomos analisar, e realizando uma pesquisa qualitativa, escolhemos 14 manchetes da revista *Veja*, que foram publicadas entre agosto de 2015 e setembro de 2016. As edições foram selecionadas de modo a analisar o que foi divulgado de alguns meses antes do início do Processo de *impeachment*, que durou de 02 de dezembro de 2015 a 31 de agosto de 2016, ao seu término. A análise dos dados será feita de modo a refletir sobre os recursos verbais e não verbais presentes nas manchetes da referida revista, com vistas a desvelar o posicionamento valorativo da revista.

Para finalizarmos, nós traremos as considerações a que chegamos ao final da análise de todas as capas do *corpus*, procurando desmascarar a manipulação feita pela mídia, com base no estudo de caso e mostrando que o leitor é influenciado a assumir a mesma posição valorativa adotada pelo veículo de informação ou já escolhe ler esse órgão por ter essa mesma posição.

2 Linguagem na perspectiva bakhtiniana

Neste capítulo, traçaremos um breve percurso teórico sobre o Dialogismo e a linguagem com base na teoria de Mikhail Bakhtin e o Círculo.

2.1 Círculo de Bakhtin

O chamado Círculo de Bakhtin não era um grupo organizado por Bakhtin. Veio a ser conhecido assim porque o nome de Bakhtin se tornou o mais conhecido. Era um grupo de intelectuais que se reuniram com frequência por aproximadamente 10 anos, entre 1919 e 1929, para estudar e compartilhar ideias, a paixão pela filosofia e pela linguagem. Produziram um conjunto de obras com valor inestimável para a análise discursiva.

Esse grupo era composto por pessoas de diferentes formações, que tinham interesses intelectuais diversos, mas que, ao estudarem juntos, teceram uma rede de saber que foi capaz de interessar a todos os envolvidos. Os três principais participantes do grupo são: Mikhail Bakhtin, Pavel Medvedev e Valentin N. Voloshinov.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu na Rússia, no dia 17 de novembro de 1895, é considerado um importante estudioso da linguagem humana. Formou-se em estudos literários, atuando como professor, sem vínculos, até ser exilado no Cazaquistão, em 1929. Após a segunda Guerra mundial, voltou a lecionar literatura no Instituto Pedagógico na Mordóvia, onde permaneceu até se aposentar em 1969. Seis anos depois, em 1975, veio a falecer em Moscou.

Segundo Faraco (2009, p. 14), Bakhtin foi um importante filósofo:

Apreciando sua obra retrospectivamente e considerando a amplitude de seus temas e densidade de suas reflexões, o melhor que se pode dizer dele (seguindo hoje uma tendência internacional) é que foi um filósofo, talvez um dos mais importantes do século XX, embora seu ostracismo por mais de trinta anos tenha impedido a circulação e o debate de suas ideias até praticamente a década de 1970.

A escolha do nome do grupo se deu pelo fato de Bakhtin ter sido o membro que produziu a obra de maior importância.

Pavel Nikolaevich Medvedev nasceu em 1892 em São Petersburgo, formou-se em Direito, atuando como professor e gestor na área da cultura. Veio a falecer provavelmente em 1940, vítima de expurgos políticos que dominavam a União Soviética no final da década de 1930. Segundo Faraco (2009), Medvedev direcionou suas reflexões para o estudo da literatura, partindo da pomenorizada crítica das ideias dos formalistas.

Valentín Nikoláievich Voloshinov nasceu em 1895, também na cidade de São Petersburgo. Formou-se em estudos linguísticos e fez pós-graduação na mesma área, atuando como professor. Concentrou seus estudos na questão da linguagem. Faleceu em 1936, vítima de tuberculose.

Segundo Faraco (2009, p. 16), ao observar as obras do Círculo de Bakhtin, é notável a presença de dois grandes projetos intelectuais: a intenção de construir uma “filosofia primeira”, ou de base, e contribuir para a construção de uma teoria marxista da criação ideológica.

A linguagem foi tema dos estudos do Círculo desde o seu início e se faz presente desde os primeiros textos, construindo uma filosofia de linguagem.

Ainda hoje existem, devido a distintas circunstâncias históricas, muitas dúvidas sobre a real autoria das obras publicadas pelos integrantes do Círculo. Algumas delas foram publicadas como sendo de autoria de Voloshinov e/ou de Medvedev e depois foram atribuídas a Bakhtin, e existem estudiosos que defendem a tese de que as obras eram realmente de autoria dos dois primeiros. Seja como for, sabemos que o Círculo trouxe grandes contribuições para os estudos linguísticos, formulando uma filosofia de linguagem peculiar, capaz de influenciar a linguística moderna com uma espécie de novo paradigma teórico.

2.2 Perspectiva bakhtiniana de linguagem

Para Bakhtin, a língua é de cunho social, estando fundamentada nas necessidades e nos contextos da comunicação humana. O indivíduo adquire a língua através de uma relação dialógica com o outro, e é justamente nessa relação que é construído o conhecimento sobre o mundo e a própria língua. Desse modo, podemos dizer que a aquisição ou a aprendizagem da língua se dá na interação verbal, e que a língua se constitui na dialogia e é analisada por essa teoria em seu pleno funcionamento. Segundo Bakhtin, a língua evolui historicamente na comunicação verbal concreta, sendo, bem mais que um instrumento, a base de todas as atividades sociais, dado seu dinamismo. Sendo assim, a língua sobrevive e se constitui na e pela interação verbal entre os sujeitos.

Na abordagem bakhtiniana, portanto, a língua não é só um conjunto das mais diversas variedades formais, mas, de acordo com Faraco (2009, p. 57):

(...) Aquilo que chamamos de língua não é só um conjunto difuso de variedades geográficas, temporais e sociais (como nos ensinam a dialetologia, a linguística histórica e a sociolinguística). Todo esse universo de variedades formais está também atravessado por outra estratificação, que é dada pelos índices sociais de valor oriundos da diversificada experiência sócio histórica dos grupos sociais. Aquilo que chamamos de língua é também e principalmente um conjunto indefinido de vozes sociais.

Assim, a língua se manifesta nas interações dos falantes, gerando sentidos através das interações de comunicação. A interação verbal acontece por meio de enunciados, de caráter dialógico. Na teoria bakhtiniana, entende-se por enunciação o ato de fala determinado pelo contexto e produzido na interação verbal. Isto é, a fala acontece na interação entre os sujeitos e só consegue produzir sentido em sua inserção em uma determinada situação contextualizada. O enunciado é a real unidade da comunicação verbal. Desse modo, todo o processo de interação se dá através de enunciados. Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 28-29):

(...) o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo seu conteúdo, pela construção composicional, eles têm como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* absolutamente precisos.

Bakhtin (2016) explica que estes limites são definidos pela alternância entre os sujeitos do discurso. Nenhum sujeito ocupa uma posição fixa na interação. Existe uma alternância de locutores; assim que um termina o seu enunciado, a palavra ou a compreensão ativamente responsiva passa a ser do outro. Esse processo acontece sucessivamente, em um ciclo. Ora ouvinte, ora falante. Segundo Rodrigues (2014, p. 182), “todo enunciado suscita resposta(s), que é um ato de valoração sobre o enunciado do outro”. Todo enunciado carrega consigo a expressão, o tom avaliativo que o seu locutor assimila e reelabora. De acordo com Bakhtin (2010), todo enunciado é único, concreto, sempre constituindo um novo acontecimento, sendo irrepetível no discurso: “o enunciado é a postura ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (Bakhtin, 2010, p. 289). Como os enunciados têm natureza dialógica, eles estão interligados uns com os outros através das relações dialógicas, ou seja, por relações de sentido, e não apenas formais.

Além da característica de alternância dos sujeitos no discurso, o enunciado proferido pelo locutor também possui sua conclusibilidade específica: seu acabamento interno permite ao interlocutor tomar uma posição de resposta ao que foi enunciado.

Bakhtin (2010), também diz que os enunciados são expressivos, carregados de ideologia e valoração. A expressão do enunciado responde aos enunciados dos outros. Segundo Rodrigues (2007, p. 161):

O enunciado é a instância da expressão da posição valorativa do seu autor frente ao objeto do seu discurso e aos outros participantes da comunicação discursiva e seus enunciados (já ditos, prefigurados). O momento expressivo está presente em todos os enunciados, pois não pode haver enunciado neutro; a expressividade é uma característica do enunciado, não é uma propriedade da língua (sistema).

Assim, todo enunciado responde, de uma forma ou de outra, a outros enunciados que o antecederam na corrente de comunicação discursiva, sendo, como vimos, um evento único que não se repete. O enunciado tem autor e destinatário, pois sempre é direcionado a alguém e espera, por conseguinte, uma compreensão responsiva, ativa, ao que foi enunciado. Ou seja, o enunciado está sempre voltado tanto para o seu próprio objeto, quanto para o discurso do outro. Por isso, podemos dizer que tanto o endereçamento quanto o direcionamento são características constitutivas do enunciado. Esse direcionamento, que evoca uma

compreensão ativa-responsiva, é determinado pelo campo de atividade humana de que faz parte.

É fundamental, para entender o enunciado, a noção de dialogismo. Nenhum enunciado existe sozinho, todo enunciado está ligado a outros, através de uma relação dialógica. Todo enunciado, colocado lado a lado com outros do plano do sentido, ou que esteja separado de outros no tempo e no espaço, ao ser confrontado no plano do sentido estabelece uma relação dialógica. Para Bakhtin, assim, o dialogismo ocorre entre os interlocutores e entre os discursos.

A palavra diálogo surge automaticamente quando usamos o termo dialogismo. No entanto, para entender a abordagem bakhtiniana, é preciso ter em mente que a palavra diálogo tem várias significações sociais e para que seja possível a compreensão de sentido de diálogo nas obras do círculo de Bakhtin é necessário não nos limitarmos à noção básica de diálogo face a face. Segundo Faraco (2009, p. 60-61):

A palavra **diálogo** designa, comumente, determinada forma composicional em narrativas escritas, representando a conversa dos personagens. Pode designar também a sequência de fala dos personagens no texto dramático, assim como o desenrolar da conversação na interação face a face. Os membros do Círculo de Bakhtin não são teóricos do diálogo nesses sentidos. Não lhes interessa o estudo da forma-diálogo como tal, seja na composição escrita ou no texto dramático, seja na interação face a face. Desse modo não constitui objeto de suas preocupações observar a maneira como se dá a troca de turnos entre participantes de uma conversa, como faz hoje, por exemplo, a chamada análise da conversação.

Logo, o Círculo não se ocupa especificamente do diálogo entendido como troca de turnos, ou seja, no sentido estrito, mas sim com a complexidade da interação verbal, com as condições e significações que nela ocorrem. Embora, o Círculo não se ocupe do diálogo em si, é importante ressaltar que o diálogo face a face também interessa aos estudos desses filósofos, mas como um dos muitos espaços em que ocorre diálogo no sentido amplo do termo, justamente por ser característico do pensamento bakhtiniano a referência ao cotidiano, destacando as bases sociais da valoração presente nele.

O objeto do dialogismo, portanto, não é o diálogo como forma, mas as relações dialógicas, ou seja, relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados. Devemos enfatizar que as relações dialógicas não podem ser reduzidas a relações meramente dialéticas ou linguísticas, pois são relações de sentido que se

estabelecem na enunciação. Segundo Faraco (2009, p. 66):

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformada em um enunciado, **tenha fixado a posição de um sujeito social**. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirma-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas.

Todo enunciado é atravessado pelo enunciado do outro, ou seja, para ser realizado precisa simultaneamente da presença, não necessariamente física, de um locutor e de um interlocutor. A construção de um enunciado está relacionada com enunciados já ditos e com enunciados prefigurados, ou seja, passíveis de serem ditos.

A abordagem bakhtiniana vê a palavra como fenômeno ideológico e social, que se refere à realidade a partir de uma posição valorativa. Segundo Bakhtin (1997 *apud* SILVA, p. 4), “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. O Círculo de Bakhtin defende a ideia de que a palavra está sempre carregada de sentido ideológico. Uma palavra pode ter uma infinidade de significações, porém, só fará sentido dentro de um contexto, onde o posicionamento ideológico se fará presente.

O signo é, portanto, ideológico, pois possui um significado e remete a um conteúdo situado fora de si mesmo, produzindo sentidos que são particulares às situações de enunciação em que é empregado. De acordo com Nogueira (2017, p. 68), “se a situação comunicativa interfere no sentido do signo, ele se transforma em um organismo vivo e dialógico, carregando consigo contradições, e confrontos de valores sociais”. Para Bakhtin, esses valores sociais são marcas ideológicas presentes nos enunciados. Os signos existem em todas as esferas ideológicas, ganhando valoração de acordo com a situação sócio histórica de quem os utiliza.

A questão da ideologia é um ponto de grande importância na perspectiva bakhtiniana. De acordo com a teoria dialógica, a ideologia está presente em todos os aspectos cotidianos: os sujeitos fazem julgamentos sobre todo e qualquer discurso.

O termo ideologia é utilizado para designar todas as diretrizes que dão base ao pensamento humano. Segundo Faraco (2009, p. 46):

Ideologia é o nome que o círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (...). a palavra ocorre também no plural para designar a pluralidade de esferas da produção imaterial (assim, a arte, a ciência, a filosofia, a religião, a ética, a política são as **ideologias**).

Para o Círculo, de acordo com Faraco (2009), todo enunciado é ideológico, pois apresenta sempre um posicionamento social avaliativo. E, justamente por ser dialógico, possui sentido além da significação na língua.

Faraco (2009, p. 59) explica que Bakhtin também trabalha a dialogicidade no plano do dizer. De acordo com o autor, essa dialogicidade apresenta três dimensões:

- a) Todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”, ou seja, todo enunciado é uma réplica do que em algum momento já havia sido dito.
- b) Todo dizer é orientado para a resposta, ou seja, o enunciador espera uma resposta para o seu pronunciamento.
- c) Todo dizer é internamente dialogizado, ou seja, é uma articulação de múltiplas vozes sociais, sendo ao mesmo tempo ponto de encontro e também de confronto dessas múltiplas vozes.

Para Bakhtin (2016), todos os campos de atividade humana estão ligados pelo uso da linguagem, palavra é vista como o modo mais autêntico das transformações sociais. O emprego da língua se dá através de enunciados que são concretos e únicos, utilizados sempre por algum interagente em um dado campo de atividade. Cada enunciado utilizado reflete as condições que compõem o campo determinado a que pertence por meio do seu conteúdo temático, do seu estilo de linguagem e de sua construção composicional. Os enunciados, elaborados por diferentes campos, são organizados em tipos relativamente estáveis que foram denominados por Bakhtin (2016), gêneros do discurso.

Da mesma forma que a palavra, a oração é uma unidade significativa da língua, por isso, cada oração, mesmo isolada, é compreensível em seu significado linguístico. Porém, precisamos inseri-la em um contexto para conseguir produzir uma atitude responsiva a ela e, por conseguinte, atingir a plenitude de sentido. Segundo

Bakhtin (2016, p. 46):

Como a palavra, a oração tem conclusibilidade de significado e conclusibilidade de forma *gramatical*, mas essa conclusibilidade de significado é de índole abstrata e por isso mesmo tão precisa: é o acabamento do elemento, mas não o acabamento do conjunto. A oração como unidade da língua, à semelhança da palavra, não tem autor. Ela é de *ninguém*, como a palavra, é só funcionamento como um enunciado pleno ela se torna expressão da posição do falante individual em uma situação concreta da comunicação discursiva.

De acordo com Rodrigues (2005), tanto no significado das palavras quanto das orações existe a potencialidade de produzir sentido, mas esse só se materializa no enunciado. Partindo dessa concepção, o enunciado bakhtiniano é a junção do texto com a situação social de interação.

Dentro do sistema da língua, tanto a oração, quanto a palavra não possuem entonação expressiva, sendo esse um traço constitutivo do enunciado. De acordo com Bakhtin (2016), a expressividade de determinadas palavras ou é típica do gênero em que está sendo empregada, ou é um eco de expressão individual alheia. Inicialmente, as palavras e as orações são neutras, necessitando de expressão para poderem assumir uma determinada posição valorativa.

De acordo com Bakhtin (2016, p. 46-47), “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva”, é a posição que o falante assume frente a uma determinada situação em uma esfera de atuação. Todo enunciado é pleno de ecos de outros enunciados pelos quais fazem ligação através da esfera de comunicação discursiva. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada pela necessidade de produzir sentido em um determinado campo de atuação.

2.3 Os Gêneros do Discurso

Segundo Rodrigues (2005, p. 154), é preciso fazer duas considerações prévias ao estudo dos gêneros na perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin. A primeira se refere à variação terminológica presente nas obras do círculo de Bakhtin, causada pelo próprio processo de tradução dos textos, ou ainda pela preferência de Bakhtin por variar as terminologias, o que, segundo sua teoria, não é considerado como falta de conceitos, mas um diálogo com o passado e o futuro na elaboração

teórica dos seus conceitos. A segunda consideração diz respeito ao fato de que, para apresentar a noção de gênero do discurso na perspectiva bakhtiniana, é preciso associá-la as noções de interação verbal, tais como língua, enunciado, texto, discurso, comunicação discursiva e atividade humana. Nos variados textos do Círculo de Bakhtin, os gêneros discursivos são nomeados de diferentes formas, em alguns deles são definidos como formas do discurso social, em outros como formas de um todo, ou tipos de interação verbal.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 163), Bakhtin define os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados ou ainda como formas relativamente estáveis e normativas do enunciado. Aqui, tipo está associado não como uma sequência textual, mas como uma tipificação social dos enunciados, constituído em uma situação de interação relativamente estável, ou seja, não fixa.

Segundo Bakhtin (2016, p.38), os gêneros surgem em nossas vidas praticamente da mesma forma que a língua materna. Aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero, de modo a conseguir identificar o gênero empregado pelos outros através da sua forma composicional. No entanto, de acordo com o autor, as formas dos gêneros são bem mais flexíveis e livres do que as formas da língua.

Os gêneros do discurso comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. Por isso um enunciado singular, a despeito de toda a sua individualidade e do caráter criativo, jamais pode ser considerado uma *combinação absolutamente livre* de formas da língua, como o supõe, por exemplo Saussure (e muitos outros linguistas que o secundam), que contrapõe enunciado (*la parole*) como ato puramente individual ao sistema da língua como fenômeno puramente social e obrigatória para o indivíduo (Bakhtin, 2016, p.42-43).

Segundo Bakhtin (2016), as formas típicas de endereçamento e os diferentes tipos de destinatários são determinantes na escolha dos diferentes gêneros do discurso. Cada gênero é moldado ao longo do tempo para atender às peculiaridades da esfera em que atua.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 164):

O que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais. Por exemplo, embora se possam encontrar traços formais semelhantes entre os gêneros biografia científica e romance biográfico, eles são gêneros distintos, pois mesmo que os valores “biográficos” (princípio organizador da narrativa que conta a vida

de um outro, ou da própria vida, na autobiografia) sejam compartilhados pela ciência e pela arte, eles se encontram em esferas sociais diferentes, com funções discursivo-ideológicas distintas (finalidade histórico-científica e finalidade artística).

Ainda de acordo com Rodrigues (2005, p. 165), essa situação social de interação pode ser articulada com a noção de cronotopos. O conceito cronotopo foi desenvolvido por Bakhtin mais especificamente para os estudos do romance, mas também pode se estender para o domínio dos gêneros. Esse conceito originário do grego (*crono*= tempo + *topo*= lugar), expressa a relação do indivíduo no tempo e no espaço. Como já explicitado no presente trabalho, cada gênero é desenvolvido de acordo com a atividade humana nas diferentes esferas sociais: trabalho, íntima, jornalística, científica...sendo o campo predominante de existência de cada gênero denominado de cronotopo. Rodrigues (2005, p. 165) afirma:

(...) cada gênero está assentado em um diferente cronotopo, pois inclui um horizonte espacial e temporal (qual esfera social, em que momento histórico, qual situação de interação), um horizonte temático e axiológico (qual o tema do gênero, qual a sua finalidade ideológico-discursiva) e uma concepção de autor e destinatário.

Na perspectiva bakhtiniana, de acordo com Rodrigues (2005, p. 166), o gênero é um tipo relativamente estável do enunciado que envolve o acabamento do enunciado. Isto acontece na relação histórica, pois os gêneros, depois de constituídos de modo dialético, passam a exercer de certa forma um **efeito normativo** nas interações sociais, ao passo que também são uma **atividade social da língua**.

Segundo a mesma autora, toda vez que surge um novo gênero discursivo em uma dada esfera, aumenta o repertório e influencia os gêneros antigos da esfera em questão. Rodrigues (2005) também explica que quando não existem condições sociocomunicativas para produzir um determinado gênero, ele desaparece. Os gêneros estão sempre se atualizando em um eterno movimento de renovação e continuidade.

Segundo Fiorin (2006, p. 61), Bakhtin teoriza os gêneros levando em conta o processo de sua produção, partindo da ligação natural existente entre o uso da linguagem e as atividades humanas. Os gêneros são percebidos na sua função essencial no processo de interação social, nas diversas esferas de atividade existentes. O conteúdo temático, a construção composicional e o estilo, juntos

compõem o todo que constitui o enunciado e refletem a especificidade da sua esfera de ação.

O conteúdo temático é o domínio de sentido presente no gênero discursivo. No gênero capa de revista, por exemplo, percebemos que o conteúdo temático é a escolha de tópicos e a organização da capa, incluindo a notícia considerada mais importante pela revista, que fica destacada na capa, e as outras notícias julgadas merecedoras de estarem na capa. Em todas as capas de revista, o conteúdo temático é o mesmo, seu ponto de vista refletido nessas escolhas, e o que muda são os assuntos.

O estilo de linguagem é a seleção dos recursos lexicais, gramáticos e fraseológicos da língua de modo que o interlocutor possa ter uma compreensão responsiva ativa do que está sendo enunciado. Existem vários tipos de estilo como, por exemplo, os oficiais, utilizados em ofícios, em discursos cerimoniais, etc.; ou um estilo familiar, marcado pela informalidade, no âmbito da família e de amigos.

A construção composicional é o modo como o texto é organizado e estruturado. Por exemplo, no gênero carta, existe uma ordem para a colocação de tempo, assunto, destinatário, remetente...; essa organização composicional auxilia para que exista uma compreensão do gênero que estamos usando.

Segundo Fiorin (2006, p. 63), existe uma riqueza infinita de variedades de gêneros e cada esfera de ação carrega um repertório imenso de gêneros do discurso. É importante a compreensão de que os gêneros estão intimamente vinculados a uma esfera de atividade e diferem entre si, de acordo com a sua posição social, da situação e do tipo de relação que se quer estabelecer, ao fazer uso de determinado gênero de discurso.

Bakhtin (2016), conceitua os gêneros em dois grupos: os primários e os secundários. De acordo com Fiorin (2006, p.70), os gêneros primários são os mais simples, utilizados no cotidiano, predominando a oralidade, pertencente a um contexto imediato como, por exemplo, uma conversa telefônica ou um bate papo. Já os gêneros secundários são aqueles mais complexos e elaborados, nos quais predomina a linguagem escrita como, por exemplo, no artigo científico ou no ensaio.

Fiorin (2006, p. 70), também explica que “os gêneros secundários absorvem e dirigem os primários, transformando-os”. Essa transformação acontece quando um gênero primário deixa de estar associado ao contexto imediato do cotidiano e passa a pertencer a uma esfera de comunicação mais elaborada, como é o caso das cartas

(gênero primário) que constituem um determinado romance (gênero secundário) passam a pertencer à totalidade desse romance. Para esse autor, os gêneros secundários também podem influenciar os primários, por exemplo, um bate papo pode adquirir a forma de uma narrativa. Os gêneros podem ainda se misturarem, por exemplo, um anúncio publicitário pode se estruturar como se fosse uma receita culinária. E assim os textos vão ganhando novas significações.

2.3.1 Gênero capa de revista

O presente trabalho tem como *corpus* de pesquisa 14 capas da revista *Veja*, o que torna essencial percorrermos a respeito desse gênero discursivo. Vejamos como exemplo a capa da edição 2503, do dia 1º de agosto de 2018.



Figura 1 - Bolsonaro cresce. E assusta.
Fonte: Revista *Veja*.

Assim como qualquer outro gênero, a capa de revista tem particularidades que lhes são características, pois apresenta estrutura e função comunicativa específica. A capa possui uma função primordial na composição de uma revista, já

que tem por objetivo destacar a matéria principal da edição, bem como trazer outras matérias que, apesar de não serem a mais importante, têm caráter significativo. Isso leva o leitor a almejar se informar mais a respeito do que está exposto na capa, ou seja, persuadi a comprar o exemplar comercializado. Além dessas matérias, a capa de revista traz em destaque o nome do veículo de informação, a data de publicação, a editora responsável e o valor da edição. Como mostra essa imagem de capa acima.

O gênero discursivo capa de revista pertence à esfera midiática e tem como propósito informar e influenciar a compra da revista pelo público-alvo. Embora tenha características próprias, esse gênero também possui marcas comuns a outros gêneros da mesma esfera, assim, tanto na capa de revista, quanto na capa de jornal, não acontece uma interação autor/leitor no mesmo espaço e tempo em que o texto é produzido e veiculado.

O contexto em que esse gênero está inserido é simultâneo com o leitor, pois traz em destaque os principais temas que são abordados pela revista e faz parte do momento vivenciado pela sociedade. O leitor busca na capa da revista os temas que mais lhe interessam, com o intuito de melhor se informar sobre os assuntos veiculados. Na capa que trazemos, com o intuito de exemplificar esse gênero, percebemos que a matéria principal gira em torno do então candidato a presidente da república, Jair Bolsonaro, e uma das matérias secundárias tem como tema o uso de *Fakenews*¹, tema largamente discutido durante o período eleitoral, cujo repercussão maior foi o possível envolvimento do candidato Bolsonaro com o uso de Caixa 2 para financiar a divulgação de notícias falsas na rede social *whatsapp*.

Ainda que as revistas em geral tenham um grupo de assinantes que se renovam esporadicamente, as suas capas de forma impressa são acessíveis a um grupo bem maior de leitores, pois normalmente ficam expostas em bancas, livrarias e lojas, circulando por toda a parte, e isso permite que o público leia seu conteúdo e interprete os fatos apresentados conforme com a ideologia da revista, veiculada através de simbolismos, recursos verbais e não verbais que induzem à construção de sentido, mesmo sem comprá-la.

No gênero discursivo capa de revista, percebemos uma relação dialógica

¹ Termo inglês que significa divulgação de notícias falsas, o que, no momento, ocorre principalmente nas redes sociais.

estabelecida entre todos os elementos, sejam eles verbais ou visuais que a compõem. Essa relação também acontece entre o ponto de vista do enunciador com o que o leitor vai se sentir persuadido a aceitar como verdade. As diferentes capas de um veículo midiático também podem estabelecer relações dialógicas em determinados pontos.

3 Conjuntura política brasileira no período analisado (2015-2016)

Com a finalidade de contextualizar o fato que nos propomos a analisar, buscamos fazer uma breve retrospectiva dos principais episódios que abalaram a política brasileira no período analisado e, por isso, pesaram na concretização do processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Vana Rousseff.

3.1 A política brasileira em 2015

O ano de 2015 foi marcado por diversos acontecimentos que tumultuaram a política brasileira. A tensão gerada durante o período eleitoral, ainda em 2014, se estendeu, e manifestações contra Dilma Rousseff repercutiram durante todo o ano de 2015. Houve intensos panelaços² em pelo menos 22 estados do Brasil. Em agosto do respectivo ano, ocorreram manifestações contra o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), em diversas cidades do país, juntamente com o pedido de saída de Dilma, através de um processo de *impeachment*. Ao mesmo tempo em que ocorreram tais manifestações contra o governo de Dilma, também aconteciam múltiplos movimentos sociais que se opuseram ao pedido de *impeachment* da presidenta eleita e organizaram protestos a favor de seu governo, por todas as partes do Brasil.

No fim do ano, as manifestações favoráveis a Dilma ganharam mais impulso e levaram cerca de 300 mil pessoas às ruas, envolvendo diversos movimentos sociais, sindicatos e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). No entanto, logo no início de dezembro, o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff foi

² Segundo Leonardo Avritzer, o chamado panelaço tem origem latina americana e foi utilizado pela primeira vez em uma marcha de atores de classe média contra o governo de Allende, em 1971. Sendo que o movimento consiste basicamente em uma forma de manifestação popular em que se batem panelas e/ou outros utensílios de metal, em forma de protesto.

aberto pelo então presidente da câmara de deputados, Eduardo Cunha, logo após ele ter aceitado a denúncia por crime de responsabilidade³, feita pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, juntamente com o procurador de justiça, na época já aposentado, Hélio Bicudo.

No dia sete de dezembro foi designada uma Comissão Especial para analisar o pedido de *impeachment* e dispor sobre a sua tramitação. O processo de *impeachment* teve como base de sustentação acusações de que Dilma teria agido com desrespeito à lei orçamentária e também à lei de improbidade administrativa, além de trazer à tona supostas suspeitas de que a líder brasileira estivesse envolvida em atos corruptos da Petrobrás, que já era investigada pela Polícia Federal na Operação Lava Jato⁴. No entanto, essas denúncias e acusações foram contestadas por um grupo de juristas e representantes do Ministério Público, os quais esclareceram que a presidenta não poderia ser acusada de ter cometido crime de responsabilidade quando se trata das chamadas pedaladas fiscais, uma vez que nenhuma das situações apresentadas pela Câmara de Deputados condiz com o conceito de atentado à lei orçamentária. Os defensores ainda reforçaram que o procedimento que a Câmara de Deputados instaurou consiste em um atentado à própria Constituição Federal, frisando que qualquer tentativa de aprovação de um processo de *impeachment* sem substância jurídica se torna ilegítima.

Ainda no mesmo ano, houve manifestações que pediam a saída de Eduardo Cunha da presidência da Câmara de Deputados, já que ele estava sendo investigado pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal, acusado de ter sido subornado por contratos da Petrobras e enviado os recursos obtidos ilegalmente para contas localizadas na Suíça.

³ De acordo com o artigo 85 da Constituição Federal, são crimes de responsabilidade os atos do Presidente da República que atentem contra a constituição federal e, especialmente, contra a existência da União; o livre exercício do Poder Legislativo, Judiciário, do Ministério Público e dos poderes constitucionais das Unidades da Federação; o exercício dos direitos políticos, individuais e sociais; a segurança interna do país; a probidade na administração; a lei orçamentária; e o cumprimento das leis e das decisões judiciais.

⁴ A Operação Lava Jato é um conjunto de investigações em andamento da Polícia Federal brasileira. Com início em março de 2014, a Operação investiga crimes de corrupção, lavagem de dinheiro e fraude.

3.2 A política brasileira em 2016

O ano de 2016 foi marcado por diversos acontecimentos vistos como bombásticos, embora já estivessem se manifestando desde o ano anterior. O fato de maior repercussão foi o *impeachment* de Dilma Rousseff da Presidência do Brasil. O processo aberto em dezembro de 2015 chegou ao seu desfecho final no dia 31 de agosto de 2016.

No dia 12 de maio de 2016, o Senado aprovou definitivamente a abertura do Processo de *Impeachment*, com 55 votos contra 22, o que afastou Dilma da Presidência, assumindo Michel Temer interinamente, por ser o vice-presidente da república. A tramitação do Processo ainda durou por três meses, quando Dilma foi definitivamente deposta do cargo, em decorrência da votação no plenário, onde foram 61 votos a favor e 20 contra o *impeachment*. Embora previsto na Constituição, Dilma não perdeu seus direitos políticos.

Eduardo Cunha, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), ex-presidente da Câmara de deputados, responsável por comandar o início do Processo de Impeachment de Dilma, foi afastado do cargo em maio de 2016, por ter o seu mandato cassado no dia 12 de setembro de 2016, pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Ele teve a prisão preventiva decretada em outubro do mesmo ano. Investigado pela Operação Lava Jato, Cunha era acusado de corrupção e lavagem de dinheiro.

O então presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB), também passou a ser investigado, e quase perdeu seu cargo, no entanto, O Plenário reverteu a situação após fazer um acórdão entre os poderes Legislativos e Executivos.

Ainda nesse ano, logo após assumir a Presidência, Michel Temer anunciou a Reforma trabalhista e da previdência, marcando um enorme retrocesso nos direitos dos trabalhadores brasileiros. A primeira reforma mexe com mais de cem pontos da CLT, entre eles, a delimitação do acesso à justiça gratuita, as mudanças drásticas na carga horária do trabalhador, a liberação de grávidas em ambientes inapropriados, o enfraquecimento dos sindicatos e a legitimação da Lei da Terceirização. A segunda é uma das mais graves já estipuladas, pois praticamente destrói os direitos previdenciários dos mais pobres, aumentando consideravelmente o tempo de contribuição e a idade necessária para a aposentadoria.

Além dessas reformas, o governo ainda lançou o projeto de reforma do ensino

médio, medida que mexe com toda a estrutura educacional do ensino médio.

Disciplinas importantes, que visam ao aperfeiçoamento ético, moral e humanista, tais como Sociologia e Filosofia, seriam extintas do ambiente escolar. Tal projeto mobilizou diversas ocupações em escolas e instituições públicas, por parte de estudantes de todo o Brasil.

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 55⁵, que estabelece um teto para os gastos públicos, vinculando-os à inflação do ano de 2015 pelos próximos 20 anos, foi aprovada no Senado.

Diversos estados brasileiros atrasaram os salários dos servidores públicos e cortaram gastos, ações que prejudicaram a prestação de serviços básicos na saúde, segurança e educação.

Novamente as ruas brasileiras foram palco de diversas manifestações contra e a favor ao *impeachment* de Dilma.

As investigações da Operação Lava Jato também levaram Sergio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro (PMDB), à prisão. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se tornou réu cinco vezes durante o ano, acusado de tentativa de obstrução das investigações da Lava Jato, corrupção passiva e lavagem de dinheiro, tráfico de influência e organização criminosa. Cabe aqui ressaltar que não foram encontradas provas concretas que pudessem condenar o ex-presidente do Brasil.

As eleições municipais, realizadas em outubro de 2016, denunciaram o descrédito da população brasileira no futuro político do país. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a soma entre os votos brancos, nulos e abstinência ultrapassou o percentual de votos válidos do primeiro colocado, em 22 capitais do Brasil.

No final do ano, as delações de executivos da Odebrecht, a maior empreiteira do Brasil, movimentaram novamente a política brasileira, pois citaram o então Presidente Michel Temer, bem como outros ministros do PMDB e do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

⁵ Inicialmente, antes de ser aprovada na Câmara de deputados, era denominada como PEC 241, passando a ser PEC 55, no Senado.

3.3 Processo de *impeachment* no Brasil

O processo de *impeachment* no Brasil pode ser entendido como o impedimento ou destituição do cargo, sendo regulamentado pela Lei 1.079/50. As autoridades que podem ter seu mandato cassado são o Presidente da República, os Ministros de Estado, os Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), o Procurador-Geral da República, os Governadores e os Prefeitos, por terem cometido algum crime de responsabilidade, que são definidos de acordo com a Constituição Federal.

De acordo com a Constituição, caso o processo de destituição do cargo seja aceito, o presidente será cassado de seu mandato. Para que o processo seja oficializado, é necessário passar por vários passos que irão caracterizar a destituição do cargo.

Logo depois de a ação exercida pela autoridade ser caracterizada como crime de responsabilidade, o que atenta contra a constituição, é apresentado ao congresso um pedido de abertura de processo de *impeachment*. Para que o pedido seja aceito, é preciso que o presidente da Câmara de deputados concorde com ele. Depois desse procedimento, o requerimento é analisado por uma Comissão composta por parlamentares de todas as bancas da Câmara de deputados. A comissão tem um prazo de 10 dias para dar um parecer favorável ou contrário à continuidade do processo. Caso o parecer seja favorável, a autoridade tem dez sessões para apresentar uma defesa e a Comissão mais 5 sessões para emitir um parecer final. Para prosseguir com o processo, o presidente da Câmara coloca o parecer final em votação e o resultado deve ser aceito pela maioria dos deputados.

No Brasil, o julgamento do processo de *impeachment* se dá de duas formas diversas. Caso o Presidente da república esteja sendo acusado de um crime comum, o julgamento fica a cargo do Supremo Tribunal Federal, caso seja acusado de um crime de responsabilidade, o julgamento fica a cargo do Senado. O Presidente afastado do cargo durante o período de julgamento, o que pode se prolongar por um prazo de até 180 dias.

Após o relatório final ter sido colocado em votação no plenário da Câmara de deputados, se o resultado foi favorável, o mesmo é enviado para o Senado, onde é montada uma nova comissão para analisar o processo. Nessa fase, acontecem três votações. A primeira delas é quando a Comissão recebe a denúncia e vota para aprová-la ou não. Em um prazo de 48 horas, o parecer da comissão é lido no

plenário do Senado e os Senadores votam nominalmente. Se a maior parte dos votos for favorável ao processo, o presidente é então afastado temporariamente no decorrer do julgamento, conforme já foi mencionado anteriormente. Caso a maior parte dos votos seja contrária ao processo, o mesmo é arquivado.

Com o afastamento do presidente, o julgamento é aberto e é procedido pelo presidente do Supremo Tribunal Federal. São julgados os crimes cometidos, ocorre a produção e apresentação de investigações e de provas e novamente acontece a votação. Ao final, o STF deve apresentar um relatório resumindo todo o julgamento para que o processo volte novamente ao Senado.

Na última etapa, acontece a votação no plenário do senado, do parecer da comissão especial sobre o processo. Caso o mandato do presidente seja realmente cassado, o vice-presidente assume o cargo de presidente. Caso o vice-presidente também tenha sido cassado no processo, assume interinamente o presidente da Câmara de deputados até que, em um prazo de 90 dias, seja eleito, através de voto popular, o novo Presidente da República, se o *impeachment* acontecer na primeira metade do mandato. Caso seja na segunda metade, acontece eleições indiretas no Congresso em um prazo de 30 dias.

Até o presente momento, apenas cinco processos de *impeachment* foram abertos no Brasil. O primeiro foi contra o então presidente da república, Getúlio Vargas, em 1953. A acusação feita contra Vargas foi o suposto favorecimento de um jornal da época e a tentativa de implantar uma república sindicalista. No entanto, o pedido foi rejeitado em votação na Câmara de deputados. O segundo processo foi contra Carlos Luiz, presidente da Câmara de deputados, que assumiu interinamente a presidência com o afastamento, por motivos de saúde, de Café Filho. Ele havia assumido a presidência com a morte de Getúlio Vargas.

Na sequência, ocorreu o terceiro processo de *impeachment* no Brasil, contra Café Filho, que tentou reassumir a presidência. Tendo sido ambos afastados do cargo em votação no plenário do Senado.

O quarto processo de *impeachment* foi contra Fernando Collor de Mello, em 1992, na época, o presidente do Brasil renunciou ao cargo, pois percebeu que o processo estava ganhando forças, deixando o cargo para o seu vice-presidente, Itamar Franco. No entanto, o processo seguiu em andamento e, ao final, Collor perdeu definitivamente o mandato, com ilegitimidade por oito anos. O quinto processo aberto no Brasil foi o da presidenta Dilma Rousseff, em dezembro de 2015, o

primeiro processo de *impeachment* totalmente aplicado no Brasil.

3.3.1 Processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff

O pedido de *impeachment* contra Dilma Rousseff foi feito no dia 21 de outubro de 2015, pelo jurista Hélio Bicudo e os advogados Janaina Paschoal e Miguel Reale Junior. A base da petição foi a justificativa de que Dilma teria descumprido a Lei de responsabilidade fiscal, por liberar crédito extraordinário, e a Lei orçamentária, por fazer uso das pedaladas fiscais, além da suposição de que a então presidenta estaria envolvida em atos de corrupção da Petrobras. Embora, vários juristas tenham defendido que as chamadas pedaladas fiscais não podem ser consideradas crime de improbidade administrativa, e que não existiam provas que justificassem o pedido de *impeachment*, o processo foi aceito pelo presidente da Câmara de deputados, Eduardo Cunha.

A abertura do processo foi oficializada no dia 02 de dezembro de 2015, por Cunha, quando uma Comissão especial foi formada na Câmara de deputados para decidir sobre a aceitabilidade do Processo. Nessa fase, os autores da petição prestaram depoimentos e Dilma apresentou a sua defesa. No entanto, o relatório da Comissão foi favorável ao pedido de *impeachment*, passando por votação na Câmara de deputados, no dia 17 de abril de 2016, e a maior parte dos deputados também fora favorável à continuação do processo.

No dia 16 de maio de 2016, o processo foi votado no plenário do Senado, e novamente a maioria optou por favorecer o relatório de aceitabilidade do pedido de *impeachment*. Após a decisão do Senado Federal, Dilma Rousseff foi afastada temporariamente do cargo, por 180 dias.

No dia 31 de agosto de 2016, em nova votação no plenário do Senado, Dilma teve o seu mandato cassado, sob a alegação de ter cometido crime de responsabilidade fiscal. E, em votação paralela, ela não perdeu seus direitos políticos, podendo se candidatar novamente a qualquer tempo.

3.4 A influência midiática materializada na revista *Veja*

Parte do objeto de nossa análise, a revista *Veja* é considerada uma das mais importantes do país e, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação, tem uma circulação média semanal que gira em torno de 849 mil exemplares, entre as versões impressa e digital. A revista foi criada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, sob o nome “*Veja e Leia*”. A primeira publicação foi intitulada “O grande duelo no mundo capitalista”.

A revista foi criada com a finalidade de ser um instrumento informativo de acordo com os moldes da revista americana “*Time*”. Ela, acabou sofrendo várias censuras durante o regime militar, justamente por apresentar nas suas publicações ideologias políticas consideradas centristas ou centro-esquerdistas. No entanto, com o passar dos anos, principalmente a partir da década de 90, percebemos que a revista passou a alinhar ideias relacionadas às políticas consideradas de direita.

Uma das principais estratégias lançadas pela revista *Veja* é a sua capa. É sua marca característica trazer nas capas matérias polêmicas, principalmente de cunho político. Através de mensagens claras, simples, que induzem para uma única maneira de interpretação, para a maior parte dos leitores, a revista dissemina o seu posicionamento diante do que está pondo em evidência.

A revista *Veja* é distribuída semanalmente e suas capas circulam livremente por boa parte das cidades brasileiras. Além disso, são disponibilizadas digitalmente na internet, o que torna esse veículo de informação bastante divulgado e considerado de fácil acesso para chegar até os cidadãos brasileiros. Com isso, induzindo-os não somente a comprar os exemplares, mas a “consumir” determinadas opiniões. Segundo Olicshevis:

(...) É certo que nem todos os grupos ou públicos possuem a mesma visibilidade midiática, mas são aqueles que conseguem tornar pública uma determinada opinião que saem ganhando. É uma espécie de “acordo forjado”. Ou seja, opinião pública nada mais é do que a opinião de um determinado grupo (...). Por tudo isso a opinião pública funciona como uma expressão estratégica e fundamentalmente voltada muito mais a encobrir – interesses particularistas e privados - do que a revelar. Em outras palavras, a mídia movimenta-se e nutre-se desse ambiente indefinido constituído pelo interesse e pela opinião privados, mas que se manifestam como públicos (OLICSHEVIS, 2006, p. 95).

Podemos dizer então que a mídia, no presente trabalho, materializada nas capas da revista *Veja*, trabalha de modo que os seus interesses e as suas opiniões privadas circulem e se manifestem como se fossem públicas. Percebemos, aqui um jogo de poder. Vence quem o detêm mais.

4 Análise metodológica de capas da revista *Veja*

Este capítulo é destinado à análise do *corpus* selecionado com o objetivo de investigar as estratégias discursivas adotadas pela revista *Veja* para disseminar o seu posicionamento ideológico, de modo a influenciar na maneira como o cidadão brasileiro age e pensa, mais especificamente, aos assuntos relacionados à política do país.

Entre as 57 capas da revista *Veja*, que foram publicadas no período entre agosto de 2015 e setembro de 2016, foram selecionadas para análise 14 capas. A escolha das referidas capas se deu de maneira a investigar o que a mídia publicou um pouco antes do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff ser instalado até o seu término, o que pode ter auxiliado na sua legitimação.

Esta dissertação é uma pesquisa qualitativa, de modo que o número de capas analisadas não tem relevância, uma vez que buscamos, ao fazer nossa escolha do *corpus*, capas referentes ao tópico estudado, no período considerado fundamental para refletir sobre os recursos verbais e não verbais presentes nas capas da referida revista, com vistas a defesa de um dado ponto de vista. O importante é a representatividade, e o modo como as capas foram construídas e sob quais estratégias discursivas.

Ressaltamos ainda que, para facilitar a compreensão do *corpus*, dividimos as capas em dois grupos: o primeiro refere-se a capas da revista *Veja* que foram publicadas em 2015 e o segundo grupo, as capas publicadas em 2016.

Ao final da análise de todas as capas de cada grupo, faremos as considerações parciais que o estudo possibilitou. Essas considerações foram importantes às considerações finais.

As capas escolhidas são apresentadas na Figura 2.

CAPAS DE 2015	CAPAS DE 2016
O BRASIL PEDE SOCORRO	A HORA DA VERDADE
O PRIMEIRO POLÍTICO FALA	VAI PASSAR
POR QUE CAEM OS PRESIDENTES	O DESESPERO DA JARARACA
ELA PASSOU A FAIXA	DILMA EM LIQUIDAÇÃO
O PLANO TEMER	TCHAU, QUERIDA. TCHAU, QUERIDO.
IMPEACHMENT	ODEBRECHT CITA TEMER. MARQUETEIRO DESTROI DILMA
A MÁQUINA DO ATRASO DE DILMA	EDIÇÃO HISTÓRICA

Figura 2 - Capas da revista *Veja* escolhidas para este estudo.
Fonte: a autora (2018)

4.1 Análise das capas veiculadas em 2015

Em um primeiro momento analisaremos as capas escolhidas de 2015. A metodologia adotada para fazer uma análise dialógica das capas da revista *Veja* consiste em analisar tanto os elementos verbais como os elementos visuais que constituem a estrutura composicional desse gênero discursivo, considerando as relações enunciativas presentes.

Para Bakhtin, o discurso encontra na realidade social a ideologia como um elemento participativo, refletindo outra realidade fora de si própria. Nesta pesquisa, partindo da constituição e construção do contexto político-social quando da elaboração pela revista *Veja* de suas capas objeto de análise, torna-se possível identificar as escolhas discursivas desse dispositivo midiático e, a partir daí examinar seu posicionamento valorativo, ideológico.

A primeira capa analisada está reproduzida a seguir:



Figura 3 - O Brasil pede socorro.
Fonte: Revista *Veja*

Ao fazermos a análise da primeira capa, percebemos que o foco principal da revista está em torno dos protestos populares, intitulados panelaços, que, na época, estavam ocorrendo em diversas partes do Brasil. Conforme já mencionado, em agosto de 2015, ocorreram diversas manifestações que levaram milhares de pessoas às ruas, tanto em oposição, quanto a favor do governo de Dilma Rousseff, mas podemos notar que a revista evidenciou apenas os movimentos contrários ao mandato da presidenta.

Ao optar por fazer a junção dialógica do elemento visual refletindo mãos que batem panela (panelaço), com o enunciado “O Brasil pede socorro”, a Revista, de forma sutilmente subentendida, veicula a informação de que o povo brasileiro, de modo geral, está insatisfeito com o governo da então presidenta e vai às ruas pedir socorro. Ao bater panelas, o povo pede o seu afastamento, através de um processo de *impeachment*. Nessa capa, percebemos que a revista mostrou apenas um lado de uma situação, o lado de oposição ao governo, deixando as milhares de pessoas que saíram às ruas em defesa de Dilma, e de sua permanência no Palácio da

Alvorada, excluídos do que foi caracterizado na capa como “povo brasileiro”. Assim, podemos dizer que isso corrobora com o princípio de que tudo o que é produzido em termos de linguagem está intrinsecamente relacionado com a ideologia, impulsionado por um determinado interesse e acentuado pelo tom valorativo.

Logo abaixo da imagem e do enunciado principal, a capa traz um enunciado secundário:



Figura 4 - Enunciado secundário da capa O Brasil pede socorro.
Fonte: Revista *Veja*

Aqui, percebemos que através do que seria uma matéria jornalística especial, a revista dá a entender que trará a verdade por trás do panelaço, e de como a era do PT chegara ao fim, com o objetivo de levar o leitor a pensar que o *impeachment* de Dilma acabaria com toda a corrupção existente no Brasil. Analisaremos a seguir um por um os enunciados destacados como especiais pela revista:

- A mensagem do panelaço: aqui, a revista declara que explicará o que o povo está querendo dizer ao fazer panelaço, no caso, demonstrar sua revolta contra o governo da então presidenta Dilma Rousseff;
- O real derrete: Com este enunciado, entendemos que a intenção da revista foi de insinuar que o governo de Dilma estava desmoronando diante das acusações feitas contra ela e as visíveis manifestações de oposição por parte do povo;
- O futuro das delações: Este enunciado é utilizado pela revista para dar ênfase ao pressuposto de que a revista traz informações importantes sobre o que acontecerá futuramente com as delações. Aqui, transparece a falta de neutralidade da revista ao fazer afirmações futuras sobre um fato ainda não concretizado, dando indícios evidentes do seu poder na legitimação do processo de *impeachment* de Dilma;
- O fim do ciclo populista e corrupto: Novamente, percebemos a intencionalidade por parte da *Veja*. De modo imparcial, ela anuncia antecipadamente o fim da era do Partido dos trabalhadores à frente do comando brasileiro e, acusa

abertamente o partido de corrupto.

Esses dados no uso da linguagem verbal e não-verbal comprovam o não neutralismo da revista no que se refere à política brasileira. Segundo Bakhtin (1997, p. 113):

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Com o propósito de fundamentar o que foi proposto neste trabalho, partimos para a análise da segunda capa da Revista *Veja*.



Figura 5 - O primeiro político fala.
Fonte: Revista *Veja*

Na segunda edição escolhida da revista *Veja*, podemos perceber que novamente ela está focada em trazer uma mensagem negativa sobre o Partido dos Trabalhadores, partido da presidenta. Dessa vez, no entanto, a capa traz uma manchete que seria exclusiva, intitulada “O primeiro político fala”.

A capa é ilustrada pela imagem do rosto de Pedro Corrêa, ex-presidente do Partido Progressista (PP), e notamos que foram utilizados artifícios visuais que dão expressão para o rosto do político, passando para o leitor a ideia de que um “segredo” está sendo desvendado. Logo abaixo da imagem, há a presença de uma legenda informando quem é o político em destaque:

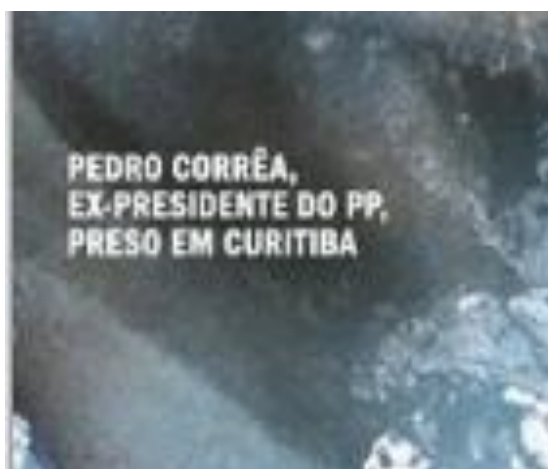


Figura 6 - Legenda informativa.
Fonte: Revista *Veja*

Ao analisar a legenda vemos que ela é editada em letras pequenas, sem dar destaque para o fato de o ex-presidente do PP estar preso. Assim, entendemos que a revista optou por deixar esse problema em segundo plano. Cabe salientar que, segundo Bakhtin (1997), a enunciação é um elo da cadeia dos atos da fala e, quando aparece isolada, desvinculada de seu contexto linguístico e real, não existe uma resposta ativa, mas sim uma compreensão passiva, o que acaba resultando em uma falsa compreensão dos fatos. Este tipo de enunciação tem a tendência de bloquear e direcionar sentidos. É o que mostra a legenda, ao procurar ocultar e chamar a atenção para outros elementos da capa, minimizando a prisão do político. Passamos agora para a análise dos enunciados principais.

Quanto aos enunciados principais percebemos que, o primeiro enunciado informa que a principal notícia da edição 2445 da revista refere-se à Operação Lava-Jato e está sendo divulgada de forma exclusiva pela revista. A palavra exclusiva, grafada em vermelho, mostra ao leitor a predominância e importância não só da matéria, mas também da própria revista.

O segundo enunciado vem destacado em letras maiores, tamanha a sua importância na capa, seguido de informações julgadas pela revista como

importantes, logo abaixo, em letras menores. Sob essa configuração, a informação mostra, diretamente, que Pedro Corrêa delatou para a Lava-Jato que o ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, também participou da montagem do petrolão⁶.

Com uma uma análise aprofundada, percebemos que a capa da revista não anuncia existir outra versão para essa delação, esquivando-se de trazer para o leitor o que realmente seria uma notícia imparcial, pois não mostra ambos os lados envolvidos, sem posicionamento parcial por parte da revista. Segundo Bakhtin (1997), o que pronunciamos não são meras palavras. Essa escolha da revista revela um dado posicionamento. Para o autor:

[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 1997, p. 95).

Outro ponto importante a ser salientado é o fato de que como grande parte dos leitores ainda não tinha tido acesso às reportagens na íntegra, a posição valorativa da revista fica estampada na capa, de modo que a partir da manchete previamente exposta o consumidor seja seduzido pela ideia vendida pela articulação do uso de mecanismos verbo-visuais. No caso analisado, sugere que Luiz Inácio Lula da Silva estaria envolvido no esquema de corrupção do petrolão, pois Pedro Corrêa, já preso, o denunciou.

Procurando contribuir para despertar o olhar crítico nos leitores brasileiros, passamos à análise da terceira capa escolhida: Edição 2447, de 14 de outubro de 2015. Como podemos verificar numa análise mais profunda, vemos que a revista, ignorando a imparcialidade, disseminou o posicionamento de que a então presidenta Dilma Rousseff iria ser destituída do cargo, ao atribuí-lhe características como de outros presidentes que também foram destituídos de suas funções. Não se tratava de indicar como seu governo se enquadraria nas condições do *impeachment*, mas de uma analogia que deixava os termos fora de contexto, induzindo a uma dada conclusão.

⁶ Petrolão é um neologismo criado pela imprensa para denominar o esquema de corrupção da Petrobras, em que diversos partidos políticos e empresas desviaram milhões de reais. Esses desvios aconteciam através de contratos superfaturados e de dinheiro sujo para benefício de políticos.



Figura 7 - Por que caem os presidentes.
Fonte: Revista *Veja*

Na terceira capa analisada, observamos que a revista *Veja* estava focada no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, uma vez que a sua matéria principal traz uma análise dos quesitos que levariam a ex-presidenta a perder o seu mandato:

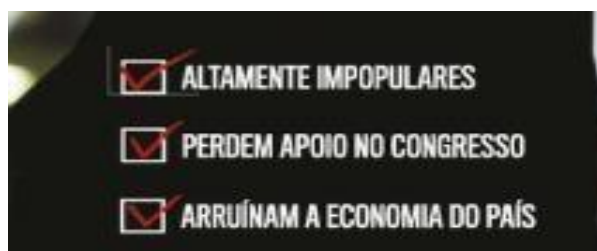


Figura 8 - Quesitos que fariam com que a ex-presidenta perdesse o seu mandato.
Fonte: Revista *Veja*

Abaixo do enunciado principal, a revista sintetiza:

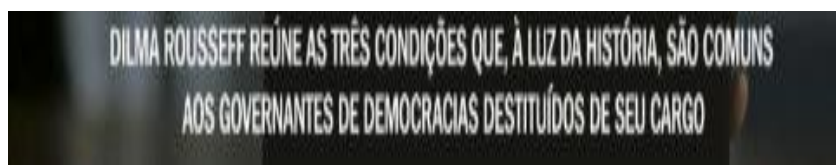


Figura 9 - Síntese do enunciado principal.
Fonte: Revista *Veja*

O subtítulo induz o leitor a concluir que Dilma acabará sendo destituída do governo, por, segundo a revista, reunir determinadas características próprias de governantes de democracias que já caíram. Ao utilizar como referência a História, o enunciador usou um argumento de autoridade para trazer à tona a ideologia de que tudo o que foi reproduzido pela História aconteceu tal como foi contado. Nesse ponto, cabe citar Bakhtin (2010, p. 297):

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma determinada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições.

A capa ainda detalha quais são essas três condições que levariam Dilma a ser destituída da Presidência da República.

- Altamente impopulares
- Perdem apoio no Congresso
- Arruinam a economia do País

Nesse caso, o enunciador optou apenas por colocar essas condições na capa, omitindo as condições que levaram a então presidenta a obter esses quesitos, pois a análise de cada item mostra a postura imparcial da revista.

Vejamos:

- Altamente impopulares: Em nenhum momento foi dito ou considerado os fatores que levaram Dilma a tornar-se impopular, visto que ao longo de seu mandato houve diversos momentos em que a então líder brasileira era vista como altamente popular;
- Perdem apoio no Congresso: ao apresentar essa condição o enunciador não

anunciou o porquê de Dilma ter perdido este apoio, também se ignorou o jogo político que cada vez mais se intensificava no Congresso;

- Arruinaram a economia do país: nesse quesito, a revista afirma que Dilma arruinou a economia do Brasil, o que é uma pressuposição, além de muito forte, também nem um pouco neutra.

Segundo Paula e Pires (2017), o governo de Dilma foi marcado por uma sucessiva piora no cenário econômico internacional, não por culpa exclusiva da política econômica desenvolvida por ela, mas por uma crise econômica mundial.

O governo Dilma foi marcado pela gradual piora no cenário internacional devido à crise do Euro, à fraca recuperação norte-americana e à desaceleração dos países emergentes - a taxa de crescimento médio da economia mundial caiu de 5,1% em 2010 para 3,8% em 2011, 3,3% em 2012, 3,1% em 2013, e 3,1% em 2014. Quanto à política econômica, destacaram-se mudanças no *mix* e nos instrumentos de política, com uso de medidas macroprudenciais⁷ monetárias e cambiais, forte redução na taxa Selic (de 12,5% em julho de 2011, para 7,5% em agosto de 2012) e uma desvalorização cambial de 25% (entre agosto de 2011 e maio de 2012) (PIRES, 2017, p. 04).

Ainda outra informação importante para o leitor foi omitida da capa: os dados da História que demonstram que de fato essas características são comuns aos governantes destituídos dos seus cargos, juntamente com as provas concretas de que Dilma realmente era possuidora de tais características.

Outro aspecto importante a ser analisado na capa diz respeito à imagem escolhida para ilustrar a edição: Uma fotografia de Dilma, na qual ela aparece cabisbaixa e na penumbra, reforçando a ideia projetada pela revista, de que a então presidenta estaria derrotada. Esse dado mostra o diálogo entre o elemento imagético (imagem) e o enunciado (verbal). A junção do texto verbal e da imagem proporciona a ampliação de sentidos que fará com que o leitor seja persuadido a acreditar que o fato noticiado já é consumado, sem questionamentos. E, mais que isto, a acreditar que derrubar um presidente é o mesmo que um processo de *impeachment* legal.

A edição do dia 07 de outubro de 2015 tem como título “Ela passou a faixa”. Os envolvidos na passagem da faixa presidencial foram expostos na imagem que ilustra a capa: Dilma está passando a faixa presidencial a Luiz Inácio Lula da Silva.

⁷ As medidas macroprudenciais foram anunciadas pelo governo em 2010 com o objetivo de diminuir o risco do setor bancário, servindo para impactar a inflação, sem ser diretamente através de juros.

Nessa capa, o que mais chama a atenção é a maneira como o ex-presidente do Brasil está projetado.



Figura 10 - Ela passou a faixa.
Fonte: Revista *Veja*

Na imagem, o ex-presidente é ilustrado em forma de boneco inflável, com tamanho desproporcional e vestido com roupas próprias de presidiário. Na tentativa de associar a imagem do ex-presidente à de criminosos.

O subtítulo reforça o diálogo entre o título e a imagem e pressupõe que, ao entregar o núcleo do governo a Lula, e os grandes ministérios ao PMDB, partido de seu vice-presidente, Dilma estaria se enfraquecendo ainda mais. Esse enunciado mostra que a revista passa a ideia de que Dilma estaria desistindo de governar, o que reforça a ideia de incompetência de governante já enunciada em outras edições analisadas.

No canto inferior direito dessa capa, vem a prévia de outra matéria jornalística, vista como exclusiva.



Figura 11 – Empreiteira do petrolão pagou reforma do apartamento de Lula (prévia jornalística).

Fonte: Revista *Veja*

Ainda que esse enunciado tenha sido colocado como matéria distinta, ele tem relação direta como o conteúdo principal da capa. Serve assim, como referência para justificar o porquê do enfraquecimento do governo de Dilma: renunciar ao governo ao passar o poder para Lula, identificado como criminoso. Não há escolhas inocentes, nem lapsos, mas uma informação voltada para impor uma dada visão da situação. Segundo Bakhtin (2016, p. 92):

As relações dialógicas são relações (de sentido) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica [...].

Outro aspecto relevante e propositadamente ausente na capa da revista é a presença de provas. O enunciador afirma que o apartamento pago com dinheiro desviado é do petista, no entanto, não foram apresentadas provas de que realmente o tríplice fosse de Lula. Esse tipo de estratégia é próprio do gênero capa de revista, onde apenas são registradas as marcas do posicionamento ideológico da revista que farão com que o leitor construa sentidos, apontando os caminhos que ele deverá seguir para mobilizar essa construção. Trata-se de um direcionamento em que a palavra é autoritária, pois não usa estratégias para convencer, mas afirma como se fosse uma verdade inquestionável.

Analisando a capa de modo amplo fica perceptível que a maneira como Lula foi projetado faz diálogo e sentido com todo o resto: um boneco inflável prestes a explodir, devido à descoberta de que uma empreiteira envolvida no esquema de corrupção do petrolão teria pago um apartamento que, segundo a revista, era do ex-presidente. O que o levaria à prisão, seguindo a lógica proposta pelo posicionamento

da revista, Dilma Rousseff, ao entregar o núcleo do seu governo a ele, estaria se enfraquecendo ainda mais do que já havia sido exposto em edições anteriores, também analisadas.

Percebemos que a revista passou uma mensagem, afirmando o seu próprio posicionamento, para não dar a chance de reflexão ao leitor e, com isso, manipular suas opiniões políticas.

A edição do dia 18 de novembro de 2015 é a mais simples dentre as capas analisadas. Ela apresenta como recurso articulatório a ideia de que o então vice-presidente da república, Michel Temer, assumiria o lugar de Dilma, supondo que o *impeachment* já era fato consumado e inquestionável.



Figura 12 - O plano Temer.
Fonte: Revista Veja

A imagem que ilustra esta capa é a fotografia do então vice-presidente do Brasil, Michel Temer. Ele está projetado com um rosto de batalha vencida, sorriso sutil, passando a ideia, através de suas feições, de tranquilidade. A tranquilidade de quem vai assumir a presidência do país. Nota-se que as letras foram grafadas na cor branca, o que reforça a ideia de paz.

Pelo semblante de Temer e pelas cores escolhidas para ressaltar o enunciado “O plano Temer”, notamos a preposição de que ele traria a solução para a crise brasileira.

O título, aliado ao subtítulo, não deixa dúvidas de que Temer já está se preparando para assumir o lugar de Dilma Rousseff. Embora o subtítulo traga apenas uma suposição de que ela cairia, novamente uma prévia de outra matéria, desta vez localizada no canto superior esquerdo, reforça a ideia de que a permanência de Dilma no poder será por pouco tempo.



Figura 13 - Investigação sobre caixa dois⁸ de Fernando Pimentel (prévia jornalística)
Fonte: Revista *Veja*

Ainda que não haja a certeza absoluta da queda de Dilma, a revista traz temas que apontam o envolvimento dela nos esquemas de corrupção existentes no Brasil. Para explicar esse fenômeno, trazemos o dizer de Bakhtin:

Não há e nem pode haver textos puros [...]. Por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido [...] (BAKHTIN, 2010, p. 308).

Assim, podemos dizer que a revista utilizou textos diferentes, que simultaneamente levam para a mesma preposição: a queda de Dilma. Isso se deu porque o objetivo era seduzir o leitor para que ele inferisse os julgamentos e valores os defendidos pela revista *Veja*. Através de uma máscara de imparcialidade, as

⁸ A expressão caixa dois é utilizada para denominar os recursos que não são contabilizados, ou seja, são desviados. Muitas empresas omitem notas fiscais ou emitem com valores menores, para não declará-los. Esses valores vão para o chamado caixa dois.

relações dialógicas se processam entre leitor, ideologia da empresa midiática e o contexto social que ela sustenta, para produzir o sentido que pretende circular, sem que permita uma resposta ativa, reflexiva, do leitor.

Todo enunciado é orientado para alguém e suscita resposta, mesmo que seja o silêncio. Logo, quando a revista lança mão de um discurso segundo o qual Dilma será destituída do governo, espera-se que o leitor para o qual o enunciado está sendo orientado responda afirmativamente ao discurso. Assim, ocorre a influência de opiniões, pois no enunciado está expressa a posição valorativa que o autor assume diante do objeto do seu discurso, nesse caso, que a queda de Dilma é certa, portanto, garantida. De acordo com Bakhtin (2010, p. 301), o enunciado pode refletir de modo muito acentuado a influência do destinatário e a sua atitude responsiva antecipada.

Nesse sentido, a revista responde previamente a eventuais réplicas contrárias às suas teses, o que revela a expectativa de resistências ao que diz, mesmo que se dirija mais especificamente a seu leitor típico.

Passaremos agora à análise a capa da edição 2455, do dia 09 de dezembro de 2015.



Figura 14 – Impeachment
Fonte: Revista *Veja*

Essa edição tem como pano de fundo a cor preta, que, segundo a simbologia das cores, tanto pode estar associada ao poder, elegância, formalidade, mal, como ainda ao mistério. Ao analisar a predominância dessa cor, aliada com a figura imagética lateral do rosto da então presidenta do Brasil, percebemos que o projeto enunciativo foi o de perpassar para o leitor a ideia de mistério associado com o medo do desconhecido. Em contrapartida, o segmento principal “IMPEACHMENT” aparece impresso na cor branca, simbolizando paz, pureza e limpeza, ou seja, a revista, com esse recurso discursivo, sem muita elaboração, mais uma vez sinalizou para o leitor que o *impeachment* de Dilma era a solução para os problemas do Brasil. Isso lembra que, de acordo com Bakhtin (2016), o estilo empregado integra a unidade de gênero do enunciado à sua esfera.

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc (BAKHTIN, 2016, p. 18).

Acima do segmento principal, em letras menores, mas grafado em vermelho, tamanha a importância que assume, vemos o seguinte segmento de enunciado:



Figura 15 - Especial 24 páginas.
Fonte: Revista *Veja*

Podemos perceber que a revista dá ênfase para a divulgação do processo de *impeachment* de Dilma, pois, nessa edição, ela apresenta 24 páginas específicas para divulgar o caso. Cabe lembrar que, na semana anterior, dia 02 de dezembro, Eduardo Cunha (PMDB) havia autorizado a abertura do processo de *impeachment* de Dilma na Câmara de deputados, pois ele era presidente na época.

Os demais segmentos presentes nessa capa da *Veja* estão grafados em branco, expressando clareza para naquilo que está sendo divulgado. Agora analisaremos os segmentos um a um:

□ POR QUE É FALSA A GUERRA ENTRE DILMA ROUSSEFF E EDUARDO CUNHA

Nesse enunciado, vemos que a revista tenta persuadir o leitor de que Eduardo Cunha autorizou a abertura do processo de *impeachment*, mesmo sem argumentação jurídica aceitável, mas não existia nenhum jogo político que o opusesse a Dilma. Logo, a maneira como ele procedeu seria correta, isenta e neutra. O segmento parece responder à possível crítica às motivações não republicanas de Cunha.

□ O PASSO A PASSO DO PROCESSO QUE VISA DERRUBAR A PRESIDENTE

Novamente, é perceptível o posicionamento da revista em relação à queda de Dilma. Nesse segmento, o veículo informa que, na íntegra, trará explicações de como o processo vai acontecer, ou seja, deixará o leitor por dentro de todos os próximos passos do processo de *impeachment*.

□ UMA EX-CARA-PINTADA E UM EX-PETISTA SÃO AUTORES DO PEDIDO

Ao divulgar tal informação, a revista reforça que ex-companheiros de luta de Dilma estariam contra ela naquele momento, e faz uma associação entre ela e um ex-presidente deposto, Collor de Melo (cara pintadas era o nome dos opositores de Collor). Ao analisarmos mais profundamente, é possível observar que, de certa forma, a ideia era de reforçar que Dilma havia se desvinculado dos princípios pelos quais um dia ficou reconhecida, ou seja, criou condições para o *impeachment*.

□ A EUFORIA DOS MERCADOS SINALIZA QUE, SEM DILMA, A CONFIANÇA VOLTA

Nesse dizer, a capa da revista dá uma “luz no fim do túnel” para o leitor desacreditado do mundo político. *Veja* enuncia que, sem Dilma no poder, é possível voltar a ter confiança de que os investimentos no Brasil vão melhorar. Há uma ênfase reveladora aqui: “euforia” dos mercados, já antes do *impeachment*.

□ COMO A LAVA-JATO DARÁ MUNIÇÃO AOS DEFENSORES DO IMPEDIMENTO

A operação Lava-Jato é reconhecida por ser um conjunto de investigações sérias da Polícia Federal, que vem punindo diversos envolvidos no sistema de

corrupção. Ao optar por citar que a Lava-Jato dará munição para quem defende o processo de *impeachment*, a revista reforça a legalidade do impedimento de Dilma e, particularmente, vincula Dilma com corrupção.

□ O STJ PODE SOLTAR OS CORRUPOTOS E A INDIGNAÇÃO CATALISAR O PROCESSO

De forma bastante subentendida, a revista compara Dilma com corruptos já presos, defendendo a ideia de que, se o Supremo Tribunal de Justiça liberar tais corruptos, a indignação popular estimularia o afastamento definitivo da presidenta, criando vínculos entre elementos cuja relação não comprova na íntegra.

□ A PRIMEIRA REAÇÃO DE COLLOR E DILMA FOI A MESMA: CULPAR OS ADVERSÁRIOS

Aqui, existe uma comparação entre Dilma e o ex-presidente destituído, Fernando Collor de Mello, reforçando um segmento anterior. Novamente, a revista frisa a queda de Dilma como semelhante à de Collor, se posicionando abertamente quando sustenta a ideia de que a então Presidenta estaria culpando os adversários, como fez o presidente já destituído legalmente do governo. No caso dele, com base em provas, mas não no caso de Dilma.

□ POR QUE É INDOLOR NO PARLAMENTARISMO TROCAR GOVERNANTE INCOMPETENTE

Nesse último segmento, percebemos que a revista fugiu da imparcialidade e caracterizou Dilma como incompetente. Nesse caso, cabe avaliar que, insistindo na ideia de que ela seria incompetente para estar à frente do governo brasileiro, a revista tenta mostrar que, no caso do parlamentarismo, o processo seria mais fácil. Não é uma proposta de parlamentarismo, mas um reforço da “incompetência”.

O tema dessa edição se refere diretamente à queda de Dilma. Vale ressaltar que o abandono da aparente neutralidade enunciativa em benefício da abordagem do tema escolhido deixa claro que o enunciador explicitou a opinião da revista *Veja*, que sabe inadvertidamente. E neste momento ele espera uma compreensão passiva de aceitação do leitor, ao propor um direcionamento no modo de pensar deste. Isso insere o enunciado da capa como um todo em uma dada valoração ideológica por meio dessa posição avaliativa.

Os vários segmentos da revista, mostram uma avaliação que busca induzir o leitor a considerar culpada a presidenta, recorrendo a vários aspectos do processo de *impeachment*. Não se trata de descrever o processo e esclarecer para o leitor, mas de dar um veredito: Dilma é incompetente; Cunha segue os ritos; o mercado está eufórico com a possível saída; no parlamentarismo, governante incompetente sai mais facilmente; Dilma é corrupta, tal como Collor e, como ele, culpa os adversários etc.

Encerrando as capas do ano de 2015, analisamos a capa da edição 2456, do dia 16 de dezembro, apresentando as considerações parciais a que nossa análise permitiu chegar.



Figura 16 - A máquina do atraso de Dilma.
Fonte: Revista *Veja*

Novamente, encontramos o direcionamento ideológico por parte da revista. Nessa edição, intitulada “A máquina do atraso de Dilma”, *Veja* revela o esforço de continuar persuadindo o seu leitor de que Dilma destruiu a economia do Brasil, fazendo-a retroceder por décadas. A figura imagética escolhida para ilustrar a edição

é uma televisão muito antiga, cuja tela apresenta o rosto da então presidenta do Brasil, em versão antiga. A imagem dela na TV tem a seguinte legenda:



Figura 17 - Aí a nossa nova matriz econômica...
Fonte: Revista *Veja*

Há um contraste entre nova, no enunciado atribuído a Dilma, e a TV e a imagem antigas, negando haver algo de novo na matriz econômica. Essa interpretação é sustentada também pelo que vem na sequência.

O segmento principal “A máquina do atraso de Dilma”, associado à ilustração da edição e legenda que a acompanha, percebemos que a revista não pretende deixar margens para nenhum outro entendimento diferente da ideia de que Dilma fez com que a economia brasileira retrocedesse a passos largos, o que fica ainda mais explícito no subtítulo utilizado pelo enunciador:

COMO A PRESIDENTE FEZ A INDÚSTRIA RETROCEDER 65 ANOS, A POLÍTICA ECONÔMICA VOLTAR AO TEMPO DO ESTADISMO MILITAR, A RECESSÃO PUNIR OS BRASILEIROS COMO NÃO OCORRIA DESDE 1981 E A INFLAÇÃO DE 10% RUGIR DEPOIS DE TREZE ANOS DOMADA

Figura 18 - Subtítulo do enunciador.
Fonte: Revista *Veja*

Antes de investigar o que diz esse subtítulo, consideramos o que Bakhtin (2010, p. 281) afirma:

Em cada enunciado - da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura - abrangemos, interpretamos, sentimos a *intenção discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante, *que determina* o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado.

Podemos dizer que esse subtítulo é bastante revelador da vontade discursiva do enunciador de *Veja*. Usa-se aqui “retroceder 65 anos”, “voltar ao tempo do estatismo”, “desde 1981”, “depois de treze anos domada”. Por que, por exemplo, “retroceder 65” e não “30” ou “40” anos? Cada um desses tópicos nega o “nova” da “fala” de Dilma na TV antiga, usando números específicos que criam uma sensação de certeza da parte da revista, impossibilitando uma resposta ativa que contrarie a versão do enunciador.

Isso mostra não haver nada de muito elaborado no tipo de construção do enunciado utilizada pela revista para induzir o leitor, manipulá-lo em alguns casos ou dizer o que ele espera. Talvez ela de fato só se dirija a quem já concorde com ela, porque, de todo modo, há sempre a indução à aceitação da certeza do que diz. Trata-se de um enunciador que procura não deixar margens para o leitor pensar e encontrar outra forma de interpretar o que está sendo enunciado.

Percebemos que a intenção discursiva da revista *Veja* é persuadir o leitor de que Dilma não tem competência para comandar o Brasil, sendo o processo de *impeachment* realmente necessário e, através de seus enunciados, ela deixa os fatos muito claros, como se fossem únicos e universais, justamente para induzir, manipular ou agradar o leitor.

4.1.1 Considerações parciais das análises de 2015

Ao analisar as capas de 2015 da revista *Veja*, vemos que todas elas mantêm relações dialógicas em suas enunciações com um interlocutor que, ou concorda com suas teses, ou parece querer se deixar convencer por elas. Existe um diálogo entre elas, na forma como foram elaboradas, e o tema a se fazer circular, escolhido, no caso, percebemos com clareza ser a legitimação do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, em todos os tópicos e subtópicos.

Os discursos enunciados estabelecem relação direta com enunciados já ditos em edições anteriores, reforçando-se mutuamente. Podemos dizer que a revista utiliza uma espécie de círculo em suas publicações, todas elas, de várias maneiras, uma após a outra, vão circulando de diversas maneiras para chegar ao mesmo ponto: a queda de Dilma da presidência da república é legítima. A ênfase na recusa de qualquer outra interpretação parece denunciar a tentativa de negar a possibilidade de contestação. Será que a revista se dirige a dois tipos de

interlocutores: aqueles que aceitam em princípio suas valorações e aqueles que, propensos a isso, teriam ainda alguma dúvida? Os enunciados parecem autoritários, mas travestidos de argumentos de autoridade.

De acordo com Bakhtin, não existe discurso neutro. Sendo assim, nem mesmo os discursos ditos imparciais como os jornalísticos, o são. Mas há graus de revelação de posicionamentos. Quanto mais “hostil” o interlocutor, maior a ênfase; uma ênfase forte revelaria assim que não se espera uma resposta ativa de dúvida ou contestação, mas a pura e simples aceitação. No começo, a revista mostra certo esforço de elaboração, mas, com o avanço do processo, vai deixando mais traços identificáveis de sua parcialidade sob a capa da objetividade: 65 anos, etc.

Faz-se necessário estabelecer relação entre o que está sendo apresentado pela revista e o momento histórico pelo qual passava o Brasil quando as edições foram publicadas. Como já explicitado, o ano de 2015 foi bastante conturbado no que se refere à política brasileira. As investigações da Operação Lava-Jato desvendaram e condenaram diversos envolvidos em corrupção no país, além disso, a economia brasileira continuava sofrendo influência da crise econômica internacional.

No entanto, a revista *Veja*, tida como uma das mais confiáveis fontes de informação no Brasil, buscou em praticamente todas as suas edições, demonstrar algum tipo de envolvimento e comprometimento da então presidenta com atos de corrupção, o que, como se sabe, em momento algum teve comprovação, e/ou culpá-la inteiramente pela crise econômica que começava a assolar o país.

Depois de analisar as primeiras capas, observamos que a revista faz uso de estratégias discursivas, de elementos verbais, de cores, de destaque da relevância de informações e até mesmo de humor e ironia para produzir medo no leitor e persuadi-lo a querer mudar a situação, caracterizada como conturbada, do Brasil. A revista não se manifesta de modo imparcial, pois deixa explícito seu ponto de vista: a única solução existente para o fim do caos é tirar Dilma do poder, e, para isso, todos os enunciados analisados buscam provar o caráter legítimo do processo de *impeachment*.

Vamos agora fazer a análise das capas escolhidas do ano de 2016.

4.2 Análise das capas publicadas em 2016

A primeira edição escolhida do ano de 2016, intitula-se “A hora da verdade”, e traz como tema “o Tríplex de Lula”⁹.



Figura 19 - A hora da verdade.
Fonte: Revista *Veja*

A revista optou por utilizar a cor cinza no fundo para realçar o título e o subtítulo da capa, justamente para reforçar a ideia de que a corrupção sendo desmascarada. A figura imagética escolhida para ilustrar a capa é o prédio onde está localizado o possível apartamento atribuído ao ex-presidente Lula. A fachada do tríplex está destacada em amarelo, mesma cor destacada para localizar o enunciado “Tríplex de Lula”.

Outro recurso estratégico que chama a atenção nessa edição é o fato de que

⁹ Apartamento localizado na cobertura do Condomínio Solares, no Guarujá, em São Paulo, cuja propriedade foi atribuída, sem documentação comprovadora, a Lula. Foi reformado por uma das empreiteiras investigadas pela Operação Lava-Jato e essa reforma foi considerada propina paga a Lula.

o prédio ilustrado aparece sob um céu coberto por nuvens escuras, prenunciando uma tempestade que tende a desabar a qualquer momento sobre o que a revista diz ser o teto de Lula. Tudo isso enfatiza o que vem no segmento principal, de que a verdade sobre o ex-presidente viria à tona na edição.

Ao analisar o segmento principal, composto de dois subsegmentos, percebemos que a revista deixa transparecer ao leitor a ideia de que traz informações de um fato consumado, comprovado. Cabe ressaltar que, embora não houvesse comprovação de que o apartamento fosse de fato de Lula, a revista volta a dispensar o princípio da imparcialidade e enuncia que o apartamento no Guarujá é realmente propriedade do ex-presidente:



Figura 20 - O tríplex de Lula.
Fonte: Revista *Veja*

Na manchete:



Figura 21 - Manchete A Hora da verdade.
Fonte: Revista *Veja*

O segmento é impresso em letras garrafais sinalizando como se estivesse gritando que a verdade sobre o suposto apartamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seria desvendada naquela edição. Sugere ainda que chegou essa hora, indicando que antes havia mentiras. Não se trata, assim, da descrição de um fato, mas de uma valoração prévia de algo apresentado como comprovado e consumado, mesmo antes da leitura da notícia. Em vez de desvendar algo, a revista apenas anuncia que existe uma verdade. Os recursos escolhidos, portanto, revelam a intencionalidade de afirmar sem comprovar.

De acordo com Bakhtin (2010, p. 286), nenhuma escolha de recursos linguísticos é somente linguística. Em suas palavras:

Quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha.

Ao enunciar que o Ministério Público havia decidido denunciar Lula, a revista *Veja* tenta demonstrar para o seu público alvo que o Triplex realmente é propriedade do ex-presidente. O enunciado ainda noticia que o apartamento havia sido reformado e mobiliado por uma das empreiteiras punidas pela Operação Lava-Jato, reforçando a ideia de que Lula estaria envolvido com atos de corrupção. Ideia esta, que, analisando como um todo as capas consideradas até este momento, percebemos que é uma das mais disseminadas pela *Veja*.

Após a leitura da capa da revista, o leitor tende a aceitar a ideia de que o Triplex pertence a Lula. Isso porque foi publicado pela revista *Veja*, que era tida como um dos veículos de informações mais confiáveis do país. A revista refletiria objetivamente os fatos da realidade que noticia/comenta.

Pensemos no que diz Bakhtin (2016, p. 104):

Todo enunciado tem sempre um destinatário (de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, etc.), cuja compreensão responsiva o autor da obra discursiva procura e antecipa (BAKHTIN, 2016, p. 104).

Nesse sentido, o leitor define sua posição ao correlacioná-la com outras posições, ou seja, no caso analisado, com as posições ideológicas da revista *Veja* ou com outras posições ideológicas. De que questão o enunciado da *Veja* é a resposta aqui?

Observamos que todos os elementos utilizados pela *Veja* atendem a diversas estratégias discursivas que farão com que o leitor possa atribuir sentido ao que está sendo exposto, ou seja, de que o apartamento era realmente do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mesmo que não existam dados concretos que provem esse fato.

Passamos a analisar passo a passo a segunda edição do ano de 2016 que escolhemos da revista *Veja*: Edição 2464, intitulada “Vai Passar”. Conforme podemos observar ao fazermos a análise, também nesse caso a revista se utilizou de símbolos com a intenção de apresentar uma imagem negativa do ex-presidente Lula.

A edição em questão foi publicada na semana que antecedeu o carnaval em 2016 e apresenta sua mensagem utilizando o simbolismo carnavalesco característico da época.

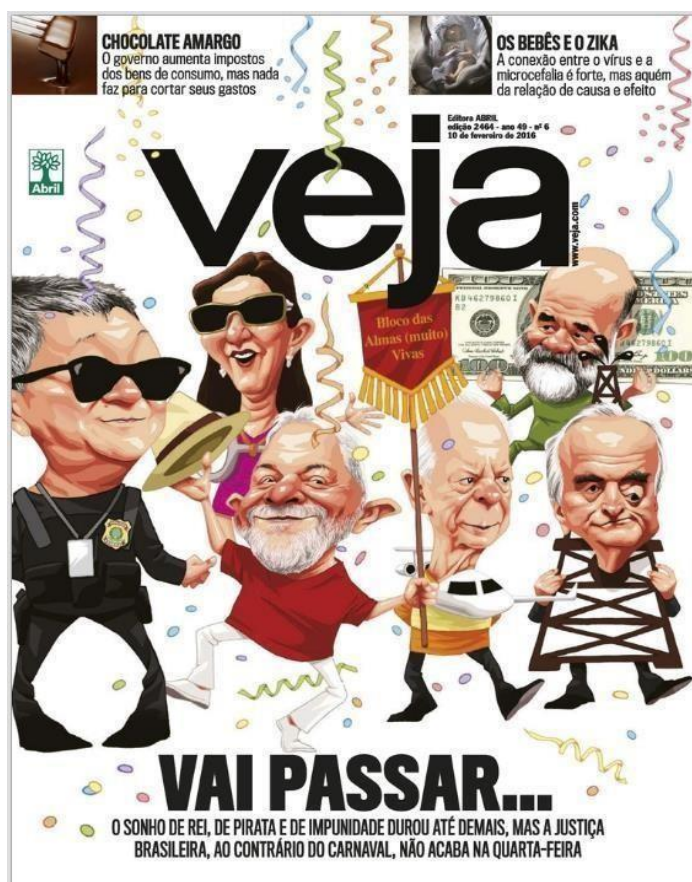


Figura 22 - Vai passar.
Fonte: Revista *Veja*

O título principal “Vai Passar” se refere especificamente ao que a revista deixa claro ideologicamente como sendo a “impunidade da corrupção brasileira”, o que fica nítido ao analisar o subtítulo:

**O SONHO DE REI, DE PIRATA E DE IMPUNIDADE DUROU ATÉ DEMAIS, MAS A JUSTIÇA
BRASILEIRA, AO CONTRÁRIO DO CARNAVAL, NÃO ACABA NA QUARTA-FEIRA**

Figura 23 - Subtítulo da capa Vai passar
Fonte: Revista *Veja*

Na chamada de capa da revista, é possível identificar a intenção do enunciador em parafrasear a letra do samba de Chico Buarque, “Vai Passar¹⁰”, justamente para demonstrar para o seu público que, apesar de o povo brasileiro ter se distraído (como diz a letra) sem perceber que a corrupção estava tomando conta do Brasil. Nesse momento, as coisas estariam tomando um novo rumo e a justiça iria prevalecer, justamente porque a liderança do Partido dos Trabalhadores estaria em vias de sair do comando, perdendo o poder.

Analisando isoladamente o título e o subtítulo, vemos que a revista demonstra imparcialidade, no entanto, ela traz estampado na imagem que a ilustra a caricatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, novamente acusando-o, sem provas, de corrupção. Ao lado de Lula, aparecem caricaturas de figuras como Nestor Cerveró condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro em maio de 2015, bem

¹⁰ A letra desta música foi composta em meados da década de 1980, período bastante conturbado com o fim da ditadura militar: Vai Passar

Vai passar nessa avenida um samba popular
 Cada paralelepípedo da velha cidade essa noite vai se
 arrepiar Ao lembrar que aqui passaram sambas imortais
 Que aqui sangraram pelos
 nossos pés Que aqui sambaram
 nossos ancestrais
 Num tempo página infeliz da nossa
 história, passagem desbotada na
 memória
 Das nossas novas gerações
 Dormia a nossa pátria mãe tão
 distraída sem perceber que era
 subtraída
 Em tenebrosas transações Seus
 filhos erravam cegos pelo
 continente, levavam pedras feito
 penitentes
 Erguendo estranhas catedrais
 E um dia, afinal, tinham o direito a uma alegria
 fugaz Uma ofegante epidemia que se
 chamava carnaval, o carnaval, o carnaval
 Vai passar, palmas pra ala dos barões
 famintos O bloco dos napoleões retintos
 e os pigmeus do boulevard
 Meu Deus, vem olhar, vem ver de perto uma cidade a
 cantar A evolução da liberdade até o dia clarear
 Ai que vida boa,
 ô lerê, ai que
 vida boa, ô lará
 O estandarte do sanatório geral vai
 passar Ai que vida boa, ô lerê,
 ai que vida boa, ô lará
 O estandarte do sanatório geral... vai passar

como, Newton Ishii, conhecido popularmente como Japonês da Federal, envolvido em ações de contrabando.

A imagem da capa dessa edição mostra que o enunciador da *Veja* busca demonstrar mais uma vez para o leitor que o ex-presidente Lula também estaria envolvido em corrupção. Para criar esse efeito a revista fez a junção da figura de Lula, fantasiado de malandro, com a de pessoas já condenadas e/ou acusadas por corrupção, em um cenário em que todos desfilam em um bloco de carnaval intitulado “Bloco das almas (muito) vivas”. Aqui, cabe ressaltar que o nome dado ao bloco que Lula toma parte faz alusão às almas consideradas penadas (alusão a suas penas criminais?), as quais de certa forma, estariam prejudicando e amedrontando a população brasileira, mas na versão de “almas bem espertas”, a partir do sentido de “vivas”.

Assim, ao noticiar que a fonte de corrupção estaria diretamente relacionada com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Revista delimita sua posição, influenciando na resposta do leitor. Outro ponto que chama a atenção nesta capa é que as duas notícias escolhidas para estarem destacadas ao lado da manchete principal também têm como característica a negatividade e a desesperança que, segundo a revista, vêm assolando o país. A capa, no seu conjunto, cria um clima de negatividade, sugerindo que a solução está no fim da impunidade, especialmente de Lula, ao afirmar que durou até demais.

A primeira notícia, localizada no canto superior esquerdo, intitulada “Chocolate amargo”, faz referência ao aumento de impostos por parte do governo.



Figura 24 - Chocolate amargo.
Fonte: Revista *Veja*

A segunda, localizada no canto superior direito, traz informações sobre o vírus da zika.



Figura 25 - Os bebês e o zika.
Fonte: Revista *Veja*

Vejamos agora a análise da próxima capa escolhida, edição 2469, do dia 16 de março de 2016, intitulada “O Desespero da Jararaca”.

Ao analisarmos a capa da edição 2469, publicada no dia 16 de março de 2016, percebemos que, de todas as capas analisadas da revista até aqui, esta é a que mais denota a parcialidade da *Veja*, pois o enunciador denomina diretamente o ex-presidente da República de “Jararaca”.



Figura 26 - O desespero da jararaca.
Fonte: Revista *Veja*

A imagem que ilustra a edição é o rosto de Luiz Inácio Lula da Silva, visivelmente transparecendo raiva em seu semblante e com várias cobras, da espécie Jararaca, no lugar dos cabelos. Essa imagem remete à simbolização da

figura mitológica da Medusa¹¹

No dia 04 de março de 2016, em uma coletiva de imprensa, Lula enunciou que: *“Se quiseram matar a jararaca não bateram na cabeça, acertaram o rabo. E a jararaca está viva como nunca esteve”*. Esse enunciado foi produzido pelo ex-presidente em referência ao fato dele ter sido escoltado por agentes armados, como se fosse prisioneiro até a sede da Polícia Federal, onde prestou depoimento. E foi assimilado e retextualizado pela mídia, comparado-o a uma cobra traiçoeira. Esse tipo de apropriação de palavras é próprio do processo discursivo. Segundo Bakhtin (2016, p. 54):

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2016, p. 54).

A escolha da espécie da cobra Jararaca mostra a intenção de degradar ainda mais a imagem de Lula, o que já vinha acontecendo ao longo das publicações já analisadas da revista. Sabemos que a cobra Jararaca é uma espécie de serpente, cujo veneno é muito potente e causa profunda dor durante sua picada. Picada essa, que a revista vem anunciando que o povo brasileiro vem sofrendo do ex-presidente e de sua sucessora, Dilma Rousseff.

A escolha de recursos da língua pelo enunciador reflete, como sabemos, seu posicionamento, o que envolve sua oposição a certas ideias e a aceitação de outras. De acordo com Bakhtin (2016, p. 59):

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

O título afirma, ao usar a palavra desespero, que o ex-presidente do Brasil está desesperado.

¹¹ De acordo com a mitologia grega Medusa era a figura de uma mortal transformada em mostro, ficando com a cabeça coberta por cobras. Ela tinha o poder de petrificar os seres humanos, mas isso não a impediu de ser morta por Perseu.

O DESEPERO DA JARARACA

Figura 27 - Título O desespero da jararaca.
Fonte: Revista *Veja*

O subtítulo especifica o porquê do desespero de Lula:

Com o governo Dilma derretendo sob a ameaça do impeachment, Lula sai atrás de apoio em Brasília, recorre ao Supremo Tribunal e termina acuado por um pedido de prisão preventiva

Figura 28 - Subtítulo especificando o desespero de Lula.
Fonte: Revista *Veja*

Ao enunciar que Lula recorreu ao Supremo Tribunal e acabou acuado com um pedido de prisão preventiva, o enunciador induz o leitor a pensar que Lula não tem mais em quem se apoiar, uma vez que até mesmo o Supremo Tribunal lhe recusou ajuda. Assim, ele pode, a qualquer momento, ser preso. No ponto de vista defendido pela revista, Lula estaria envolvido em crimes de corrupção, e, embora esteja tentando, com todas as suas forças, fugir da prisão, dessa vez a justiça vai prevalecer. Isso remete à capa anterior, a do bloco das almas vivas.

Vemos a predominância da cor preta nessa capa, dando a ideia de que Lula estaria na “escuridão”, sem chances de provar sua inocência, mesmo que até o momento não houvesse provas de que tenha cometido algum crime. Isso mostra que a revista lançou mão de recursos discursivos, pelo uso de cores, de imagens estratégicas para produzir um efeito negativo sobre a imagem de Luiz Inácio Lula da Silva. A construção da capa se mostra tendenciosa: principalmente pela cobra enfurecida.

Vejamos agora a análise da capa da edição 2473 do dia 13 de abril de 2016. Os recursos estratégicos utilizados pelo enunciador fazem com que o leitor se lembre das propagandas comerciais de queima de estoque das grandes lojas.



Figura 29 - Dilma em liquidação.
Fonte: Revista *Veja*

Novamente, já no título, percebemos que a revista não prima pela imparcialidade ao informar, pois utiliza um termo que, aplicado a uma presidenta, assume cunho pejorativo, para se referir a Dilma.



Figura 30 - Título Dilma em liquidação.
Fonte: Revista *Veja*

Na manchete, Dilma Rousseff e seu governo são definidos pela revista *Veja* como um produto pelo qual alguns podem tirar lucro, resultando em um grande custo para a população brasileira. Os subtítulos especificam aquilo que está à “venda”.



Figura 31 - Subtítulo Superqueima de cargos
Fonte: Revista *Veja*

A vontade enunciativa da revista deixa transparecer sua intenção de acusar Dilma de vender cargos nos ministérios públicos, colocando ministros desqualificados para o cargo, em troca de favores próprios. O que nos leva a perceber que, em sua parcialidade, a revista lança mão de acusações levianas, sem provas, como já vimos antes.

A figura imagética escolhida para ilustrar a edição é o Palácio do Planalto envolto em chamas, simbolizando a destruição e a crise financeira do Brasil. Aqui, notamos que o simbolismo foi utilizado como recurso estratégico para fazer o leitor acreditar que a culpa da crise econômica brasileira seria de Dilma Rousseff, devido à alegada “farra” de que a mandatária é acusada.

No canto inferior direito percebemos uma espécie de alerta para os deputados brasileiros.

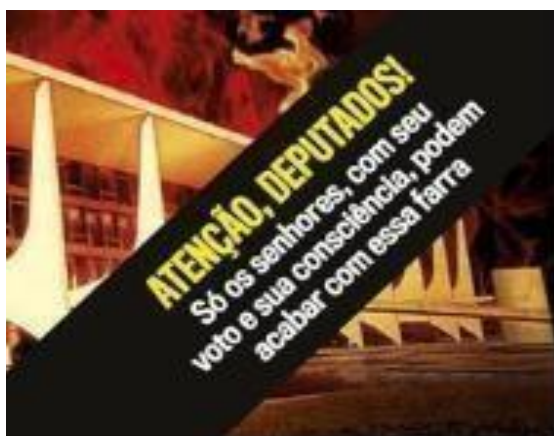


Figura 32 - Alerta aos deputados.
Fonte: Revista *Veja*

Ao analisar esse segmento, percebemos que a intenção da *Veja* era novamente depreciar o governo de Dilma e, sem imparcialidade alguma, tomar a posição de que o voto dos deputados na sessão definitiva¹² da Câmara, que aconteceria no dia 17 de abril, deveria ser SIM. Ou seja, aprovarem o parecer que abriria definitivamente o processo de *impeachment* da então presidenta Dilma.

¹² 367 deputados votaram a favor à abertura do Processo de *Impeachment*.

Também notamos que a revista *Veja* enunciou um problema, a crise no Brasil, e ao mesmo tempo, já apresentou a solução para ele: Tirar Dilma do poder. Esse é o discurso presente desde a primeira capa analisada. O que realmente muda de uma edição para outra, são os recursos estratégicos utilizados. Essa relação dialógica existente entre as edições tem explicação dentro da teoria dialógica da linguagem. De acordo com Rodrigues (2005, p. 180):

Há as relações dialógicas com os enunciados já ditos e com os prefigurados, mas também há as relações dialógicas que o autor pode estabelecer com o seu próprio discurso, enunciando-se de diferentes lugares e posições. Na arregimentação dos outros discursos, no mosaico enunciativo que constituem, como se expressa textualmente “última instância semântica do autor”.

Com vimos, os diversos tópicos dialogam entre si e convergem para o posicionamento de que o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff é legal e que a única solução viável para a crise econômica brasileira seria tirar definitivamente o PT do comando do país.

A próxima capa escolhida a ser analisada pertence à edição 2477, do dia 11 de maio de 2016 e traz como figura imagética o rosto da presidenta Dilma Rousseff em primeiro plano e o do ex-presidente da Câmara dos deputados, Eduardo Cunha, em segundo plano.



Figura 33 – Tchau, Querida. Tchau, Querido.
Fonte: Revista *Veja*

O título da edição ocupa grande parte do espaço da capa:



Figura 34 – Título Tchau, Querida. Tchau, Querido.
Fonte: Revista *Veja*

O enunciador utilizou o enunciado “tchau, querida” com base em uma conversa telefônica grampeada entre Dilma e o ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, em que, ao se despedirem, Lula se despede usando esse enunciado. A revista volta a disseminar a ideia de que o mandato de Dilma chegava,

finalmente, ao seu término.

O subtítulo reforça a posição defendida pela revista de que um Brasil livre de Dilma seria um Brasil livre de corrupção:

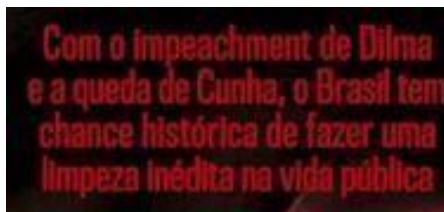


Figura 35 – Subtítulo reforça a ideia de um Brasil livre de corrupção sem Dilma.
Fonte: Revista *Veja*

A revista anuncia para o seu leitor que só a saída de Dilma do Palácio do Planalto seria capaz de acabar com o lado obscuro da política brasileira e trazer novamente a estabilidade para os lares brasileiros. E vai além, associando a então presidenta com o nome de Eduardo Cunha, na época recentemente afastado do seu mandato de deputado e da presidência da Câmara pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Cabe aqui ressaltar que Cunha foi responsável por comandar o procedimento do *impeachment* de Dilma na câmara. Nessa edição, a revista *Veja* optou por associar os dois políticos devido ao envolvimento direto de Eduardo Cunha com a obtenção de propina^{13,13}

A utilização da cor preta predominando sob os rostos de Dilma e de Cunha reforça a posição de que eles trazem negatividade e arruinam a vida do cidadão de bem que vive no Brasil.

Percebemos que, embora essa edição não seja considerada especial, a manchete é mais uma vez o *impeachment* de Dilma:

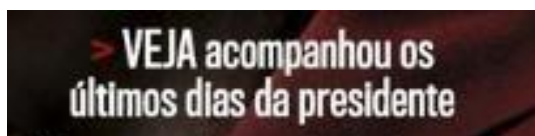


Figura 36 – Tópico enfatizando o *impeachment* de Dilma.
Fonte: Revista *Veja*

¹³ Termo considerado uma gíria, cujo significado é definido como crime de corrupção ativa. No caso do deputado Eduardo Cunha, que recebia propina, a ação é categorizada como crime de corrupção passiva. Pois, de acordo com o Código Penal Brasileiro artigo 317 é definido como Solicitar ou receber, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função ou antes de assumi-la, mas em razão dela, vantagem indevida, ou aceitar promessa de tal vantagem.

Mais uma vez, a Revista afirma que o mandato de Dilma Rousseff chegará ao fim. Ao repetir, de infinitas formas, o mesmo enunciado a revista induz mais uma vez o leitor a acreditar que a saída de Dilma era certa, assim como o fim da corrupção que, segundo a revista, era disseminada pelo PT. percebemos que a revista faz as suas capas circulem, seja qual for o tópico, em torno desse tema. Elas constroem o tema, que, ao ser enunciado, faz significar a própria posição política adotada por esse meio de comunicação.

Dando continuidade à análise, vejamos o próximo segmento:

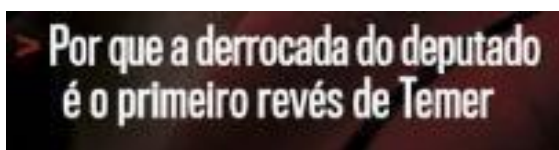


Figura 37 – Intenção enunciativa de uma reviravolta no contexto político.
Fonte: Revista *Veja*

Nesse enunciado, podemos perceber a intenção enunciativa em passar para o leitor a ideia de que a queda de Eduardo Cunha, juntamente com a de Dilma, marcava uma enorme reviravolta no contexto político, ou seja, era a possibilidade de se ter um país livre de corrupção. Ao fazer a correlação da queda de Cunha com o governo Temer, a revista mostra o objetivo de defender a proposta de que Michel Temer era a solução imediata para a situação política brasileira, reafirmando que a queda de Dilma Rousseff seria uma ação justa.

Embora na edição 2455, já analisada, a revista tenha defendido a atitude de Eduardo Cunha, que, mesmo sem argumentação jurídica aceitável, abriu o processo de *impeachment* contra Dilma, agora, por ser conveniente, depois de ter estourado um escândalo de corrupção envolvendo o nome desse deputado, associou-o a presidenta. Essa tomada de posição mostra que a *Veja* articula as informações de acordo com seus interesses, que, vimos pelas análises, ser a tirar Dilma e o PT do comando brasileiro. Ainda nessa edição, o nome do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva volta a ser associado ao crime de corrupção:

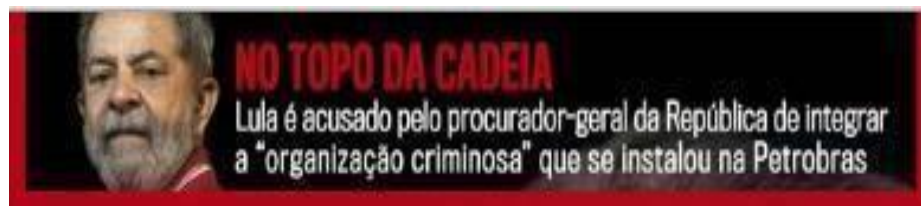


Figura 38 – No topo da cadeia.
Fonte: Revista *Veja*

Ao enunciar que o maior nome do PT estaria a um passo de ser preso, justamente por acusações envolvendo uma organização criminosa, e que tais acusações partem do Procurador Geral da República, a revista revela sua intenção de convencer o povo brasileiro de que Lula é corrupto, mesmo sem apresentar provas.

Na edição 2490, publicada no dia 10 de agosto de 2016, poucos dias antes do término do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

Percebemos que, na capa, dessa edição, a queda de Dilma é dada como confirmada, mesmo tendo a edição sido publicada vários dias antes da sessão que encerrou de fato o processo e afastou definitivamente a então presidenta do poder.



Figura 39 – Exclusivo: Delações explosivas.
Fonte: Revista *Veja*

Nessa capa, podemos perceber que a revista optou por fazer uma edição dita como exclusiva, cujo assunto principal gira em torno das últimas delações da Operação Lava Jato.



Figura 40 – Edição exclusiva.
Fonte: Revista *Veja*

Aqui, ao fazer uso da expressão “explosivas”, a revista mostra para ao leitor que a edição traz em seu conteúdo delações que seriam capazes de acabar com os envolvidos delatados.

No título, que ocupa praticamente todo o espaço da capa, a revista informa quem são os delatados: Temer (vice-presidente) e Dilma.



Figura 41 – Odebrecht cita Temer.
Fonte: Revista *Veja*

Ao analisarmos esse enunciado, vemos que a revista optou por enunciar que Temer foi *citado* nas delações premiadas¹⁴, enquanto Dilma foi *destruída*. Percebemos que a intenção da revista era amenizar a situação de Michel Temer, pois usa o verbo cita (que pode ser negativo ou positivo), ao mesmo tempo em que condena Dilma ao usar o verbo destruir, levando o leitor brasileiro a crer que a queda de Dilma estava confirmada.

Os delatores apresentados na capa também influenciam na maneira como o leitor absorveria as notícias. Quem delatou Temer foi a Odebrecht¹⁵, uma empreiteira, ou seja, uma empresa, podendo ter citado Temer por qualquer motivo

¹⁴ Segundo a legislação brasileira, delação premiada é um benefício legal, podendo ser um alívio na pena por exemplo, concedido ao réu que colabora na investigação de crimes entregando os seus comparsas.

¹⁵ Maior empreiteira do país, com sede em mais 22 países onde atua nas áreas de indústria, engenharia e construção. Foi investigada pela Operação Lava Jato por causa das obras das refinarias de Pasadena, localizada nos Estados Unidos e de Abreu e Lima, localizada em Pernambuco.

jurídico; já quem delatou Dilma foi um marqueteiro¹⁶, ou seja, uma pessoa que foi muito próxima de Dilma e logicamente do seu partido (PT).

Além disso, o vermelho predomina em boa parte dessa capa. A escolha por essa cor deve-se ao fato de ser uma cor quente, enfatizando que a situação política estava prestes a ter um desfecho.

Ao fazer uso dessas estratégias discursivas, percebemos a intenção discursiva de *Veja*, ou seja, mais uma vez convencer o seu leitor de que Dilma iria perder definitivamente seu mandato, pois estava envolvida em atos ilegais. Segundo Fiorin (2006, p. 75):

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite (FIORIN, 2006, p. 75).

A revista busca persuadir o leitor, quando deveria mantê-lo informado apenas. Isso é legítimo a depender da maneira como se faz isso. No caso do presente trabalho, percebemos que o tipo de persuasão assumida pela *Veja* acaba ferindo a compreensão do que se passa no Brasil. E essa postura é séria, afinal influenciar a maneira como as pessoas vejam a situação econômica e distorcer fatos envolvendo determinadas posições e imagens políticas, de maneira a legitimar um *impeachment*, sem argumentação jurídica aceitável é intolerável.

A última capa escolhida para análise, edição 2494, do dia 07 de setembro de 2016, é considerada uma edição histórica e aborda o fim do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

¹⁶ Marqueteiro é o termo utilizado para denominar o profissional que faz marketing, mais especificamente o político, ou seja, o profissional responsável por impulsionar e promover a candidatura de determinado político.

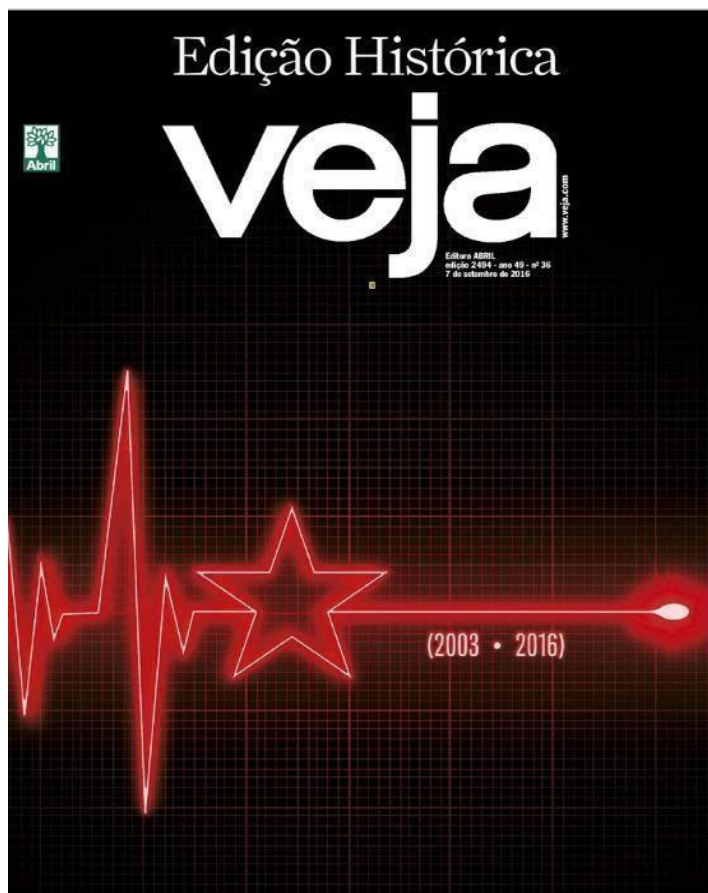


Figura 42– Edição Histórica.
Fonte: Revista *Veja*

Essa edição foi publicada poucos dias após a votação final da decisão do *impeachment* de Dilma Rousseff. Ela foi afastada definitivamente do cargo no dia 31 de agosto de 2016. Foram 61 votos favoráveis e 20 votos contrários ao *impeachment*.

Além do enunciado que caracteriza a edição como histórica, não existe nenhum outro enunciado que possa prevalecer como título da edição. Consta apenas duas datas: 2003, ano de início do primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e 2016, ano de afastamento definitivo de Dilma. Nesse caso, com a data, a revista demarca o período de tempo em que o PT ficou no poder do Brasil.

O recurso imagético escolhido para ilustrar a capa dessa edição é a de batimentos cardíacos que param. A estrela, destacada entre os batimentos, faz referência ao partido dos trabalhadores. A intenção por trás da imagem foi a persuadir o leitor que, juntamente com a queda de Dilma, estaria terminando o “reinado” do partido PT no país. O sentido construído pela revista busca levar o leitor

a associar o ano de 2003 como sendo o ano de nascimento do partido e 2016 como sendo o ano de sua morte.

A cor escolhida para colorir a imagem foi a vermelha, fazendo alusão ao Partido dos Trabalhadores, pois o coração que parou era a representatividade do partido. Também percebemos que o pano de fundo está na cor preta, enfatizando a ideia de morte.

O logotipo da revista aparece na cor branca, passando para o leitor a ideia de transparência jornalística. Essa capa mostra a intenção da revista de que julga ter feito fazer um trabalho íntegro, cumprindo com a sua função jornalística de apresentar à sociedade dados e informações que promovem uma reflexão crítica sobre a realidade social brasileira durante o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff e que o caso culminou para o desfecho que estaria beneficiando o povo brasileiro.

Porém, como mostramos ao longo de nossas análises, a revista *Veja* é movida por sua própria ideologia e a traz estampada em cada enunciado presente em cada edição publicada. De acordo com Faraco (2009, p. 47):

Qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de cada uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica).

4.2.1 Considerações parciais das análises das capas veiculadas em 2016

Como foi possível perceber, a revista *Veja* deu enfoque maior para o ex-presidente Lula nas edições de 2016, isto se deve ao fato de Luiz Inácio Lula da Silva ser altamente popular e ser considerado a cabeça do Partido dos Trabalhadores. Parece haver interesse para que sua popularidade diminua perante a opinião pública. Principalmente por ser considerado o articulador do governo de Dilma Rousseff, que, para a revista, é uma marionete nas mãos do ex-presidente.

Ao destacar a figura de Lula, percebemos a intenção de tentar trazer à tona todas as distorções possíveis a serem atribuídas ao governo petista, a fim de comprovar que a solução para os problemas brasileiros seria terminar definitivamente com a era petista no comando do Brasil.

Novamente, a revista fez uso de símbolos, cores, estratégias verbais,

enunciados carregados de ideologia para disseminar o posicionamento de legitimidade do Processo de *impeachment* e de que a ruína do país era atribuída ao partido dos trabalhadores.

Durante as análises fica explícito que a estratégia adotada pela revista foi a de passar mensagens marcadas, carregadas de acusações, denegrindo a imagem de Lula, de Dilma e do PT, sem dar margem para levar o leitor a fazer posicionamentos reflexivos sobre os acontecimentos no Brasil.

Também percebemos que a manipulação presente no conteúdo da revista *Veja* está, sobretudo, em utilizar simbolismos carregados de emoção, aliados a uma linguagem simples, sem dar espaço para que o leitor formule outra versão, se não a proposta ideologicamente pela revista.

5 Considerações finais

O objetivo do presente trabalho foi analisar capas da revista *Veja* com a finalidade de demonstrar a forma como a mídia brasileira (aqui materializada na revista *Veja*) articulou recursos para legitimar o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff através da abordagem teórica do Círculo de Bakhtin. A escolha do tema surgiu da necessidade de entender a maneira como a mídia articula recursos para persuadir os leitores a aceitar o seu posicionamento e de fazer um alerta para a formação de leitores mais conscientes.

A hipótese que tínhamos ao iniciar nossa investigação era de que a mídia, em prol de benefícios próprios, faz significar o seu posicionamento ideológico, articulando recursos na divulgação de informações acerca de Dilma Rousseff e também de Lula, uma vez que o mesmo é considerado uma espécie de mentor da ex-presidenta. Supúnhamos que a forma como a revista *Veja* articula esses recursos se favorece de um pretense discurso de imparcialidade e de ser considerada uma das revistas mais importantes do Brasil, circulando por todo o país, tendo o potencial de definir a versão dos fatos que mais lhe convém, se preciso manipulando a forma de pensar do cidadão brasileiro.

Com o objetivo de verificar a validade de nossa hipótese, formulamos duas questões para nortear nossa investigação: a primeira visava identificar quais as estratégias discursivas adotadas pela revista *Veja* para persuadir o leitor sobre a legitimidade do *impeachment* de Dilma Rousseff. E a segunda tinha como propósito verificar como se articula o discurso de (aparente) imparcialidade utilizado pela mídia com a finalidade de encobrir o seu posicionamento ideológico frente uma notícia, um fato.

No decorrer deste estudo, tínhamos como objetivos específicos, analisar as estratégias discursivas adotadas pela mídia, bem como demonstrar como elas são

articuladas de um modo que nos permite desvelar a sua postura ideológica. Através da análise do corpus, identificamos as estratégias discursivas adotadas pela revista *Veja* para legitimar o processo de Dilma. Ao longo das análises, percebemos uma gama de recursos estratégicos utilizados pela revista. Em todas as capas analisadas verificamos que esses recursos se caracterizavam pela combinação expressiva de componentes verbais e não verbais.

A disposição dos elementos nas capas, as cores utilizadas de acordo com cada matéria publicada, a linguagem de compreensão aparentemente fácil, mas que na verdade tem um que de autoritária, esses elementos não dão margem a uma segunda versão por parte dos leitores, as figuras imagéticas fortes e polêmicas, que, na maior parte das vezes, denegriram a imagem de Dilma Rousseff e do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a associação desses políticos com atos de corrupção, empresas investigadas na Operação Lava-Jato e políticos já condenados por estarem envolvidos em crimes de corrupção passiva e ativa -- todos estes são recursos estratégicos e formas estilísticas presentes nas capas da *Veja*, que denunciaram seu posicionamento ideológico pautado na premissa de legitimar o processo de impeachment de Dilma.

A revista, de modo bastante estratégico, e por vezes desvelando artifícios que usa para dar a sua verdade como a verdade, utilizou até mesmo o seu logotipo como elemento persuasivo. Como pudemos perceber ao longo das análises, o logotipo da empresa esteve sempre em saliência em relação às matérias que acusavam os políticos em questão. Trata-se de uma clara tentativa, usando um argumento de autoridade, de induzir o leitor a julgar que, se a revista, considerada uma das mais importantes do país, era digna de confiança e séria, aquilo que estava anunciando só podia ser verdade, que o órgão não se deixava envolver pela corrupção que ela mesmo disseminava como sendo responsabilidade de Lula e Dilma. Logo, o tema sempre foi que Dilma e Lula eram culpados, com ou sem provas. Há sempre a presunção de culpa, em vez de inocência, como se a simples alegação fosse prova de existência do que é alegado.

A revista *Veja* foi selecionada para representar a mídia na presente dissertação, levando em consideração a importância e a grande circulação que ela tem e seu posicionamento como representante de uma parcela do pensamento da população. A seleção das 14 capas da revista *Veja*, que compõem o nosso *corpus*, foi feita de maneira qualitativa, o número de capas escolhidas não foi levado em

consideração na construção do nosso objeto de pesquisa. Para definir o *corpus*, ponderamos as datas em que as edições foram publicadas, associando-as diretamente com os passos do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

A primeira capa analisada “O Brasil pede Socorro”, foi publicada no dia 12 de agosto de 2015, pouco mais de dois meses antes do pedido que oficializou o processo. Esta capa foi escolhida com a intenção de demonstrar que, mesmo antes da oficialização do processo, o *impeachment* de Dilma já estava sendo articulado. A segunda capa selecionada para análise, “O primeiro político fala”, publicada a menos de um mês do pedido ser feito. Partindo da mesma concepção adotada na escolha da primeira capa, mas em um momento ainda mais próximo do pedido ser realizado.

Na capa “Ela passou a faixa”, do dia 02 de outubro de 2015, notamos que a intencionalidade da revista era denegrir a imagem de Dilma, dias antes de o pedido ser feito, fazendo com que o ato em si quando concretizado, tomasse proporções maiores e ganhasse forças. Depois, em “Por que caem os presidentes”, publicada na semana anterior ao pedido feito pelo jurista e os advogados, já denunciava o posicionamento da *Veja* de que a então presidenta da república seria destituída do cargo.

A quinta capa analisada, intitulada “O plano Temer”, edição de novembro, já denunciava, mesmo antes do pedido, já formalizado, ser aceito pela Câmara de deputados, que Temer, então vice-presidente, já estava se preparando para assumir o lugar de Dilma no Palácio do Planalto. Logo depois, na edição de 09 de dezembro de 2015, “*impeachment*”, tendo em vista que ela foi a primeira edição da revista publicada depois da abertura do processo no dia 02 de dezembro de 2015 e já posicionava o *impeachment* de Dilma como evento concretizado.

Para encerrarmos o ano de 2015, analisamos a edição do dia 16 de dezembro, pois percebemos que, em relação dialógica com a capa da edição anterior, nesta, a revista continuava mostrando apenas aspectos negativos e tendenciosos em relação ao governo de Dilma, com a intenção de legitimar o processo, já em curso. Analisando as edições do ano 2016, percebemos que boa parte das capas tinha como manchete o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, considerado uma das figuras políticas mais importantes do Partido dos Trabalhadores e chave no mandato de Dilma.

A primeira capa analisada deste ano, “A hora da verdade”, foi publicada no dia 27 de janeiro de 2016 e fala sobre o apartamento no Guarujá, como sendo de

Lula, mesmo não havendo provas concretas de que realmente fosse. A escolha dessa capa se deu pela intencionalidade da revista em incriminar Lula, procurando denegrir sua imagem e, conseqüentemente a de Dilma. A capa seguinte era “Vai passar”, publicada em fevereiro. Nela, a revista utilizou como recurso as festividades de carnaval para associar a imagem de Lula com a de políticos corruptos, e foi selecionada com a mesma intenção da capa anterior e da capa que analisamos na sequência, “O desespero da Jararaca”, publicada no dia 16 de março, a exato um mês da primeira votação na Câmara de deputados.

Na sequência, edição “Dilma em liquidação”, publicada cinco dias antes da votação dos deputados e mostra claramente a tendenciosidade da revista ao trazer estampado em sua capa um alerta para que o voto dos deputados fosse favorável ao *impeachment*. A escolha da outra capa se deu ao fato de ter sido publicada no dia anterior à votação no Plenário do Senado e trazer como manchete o afastamento de Dilma, mesmo antes de o processo ter sido votado.

Na seleção da penúltima capa, levamos em consideração o fato de faltarem poucos dias para o encerramento do processo e a revista já anunciar Dilma como destruída. Fez uso de um recurso estratégico que dava a última martelada na legitimação do processo. A última capa foi escolhida, por ter sido publicada logo após a votação que encerrou o processo de *impeachment* e trouxe como figura imagética a representação do fim do partido dos trabalhadores.

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, percebemos que existe uma relação indissolúvel entre as relações sociais e a história. Conforme o objeto de estudo do círculo, as relações dialógicas, os sujeitos interagem socialmente e produzem sentidos no discurso. Ao escolhermos como *corpus* de pesquisa o gênero capa de revista, levamos em consideração os estudos do Círculo de Bakhtin verificando que as relações dialógicas existentes nas capas correspondem à interação inicial, fundadora da interação, entre o que está sendo destacado na capa (produto), quem enuncia (*Veja*) e o leitor. Essa interação ocorre considerando a relação socio-histórica entre os envolvidos na interação.

Por tudo isto e diante do que nos propomos investigar, consideramos que a revista *Veja* não tem o comprometimento com a imparcialidade e, sem validar sua responsabilidade social enquanto meio de informação, revela publicamente seu interesse em tirar Dilma e o PT do comando brasileiro, legitimando o processo de *impeachment* de Dilma. Toma esse posicionamento através de recursos estratégicos

verbais e não verbais que buscam direcionar o leitor a um dado sentido ideológico acerca dos acontecimentos políticos do país.

Referências

ARAÚJO, Annyelle S. *As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêuchex. Linguagens – Estudos e pesquisas*, Catalão, GO, v. 18, n.1, p. 181-206, jan./jun. 2014.

ARAÚJO, Felipe. **Mikhail Bakhtin**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/biografias/mikhail-bakhtin/>> Acesso em: jan. 2018.

AVRITZER, Leonardo. **O painelço e as formas do protesto social**. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-panelaco-e-as-formas-do-protesto-social/4/33657>> Acesso em: fev. 2018.

BAFFA, Alda M; GEROLDO, Nanci; GROSSI, Elvair. **Diálogos bakhtinianos**. São Paulo: Poro de ideias, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana L. P de; FIORIN, José L. (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994.

BENITES, Afonso. **Metamorfose política do Brasil em 2016 ainda não mostra vencedores**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/19/politica/1482184584_164466.html> Acesso em: jan. 2018.

BERDINELLI, Talita. **2016, o ano em que o Brasil não tirou os olhos da presidência**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/23/politica/1482501122_705608.html> Acesso em: jan. 2018.

BRASIL 247. **Mercadante: reforma do Ensino Médio do golpe é nefasta par a educação.** Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/363456/Mercadante-reforma-do-ensino-medio-do-golpe-e-nefasta-para-educacao.htm>> Acesso em: jul. 2018.

CABETTE, Eduardo L.S. **O discurso jurídico e as ideias de Bakhtin e seu Círculo.** Disponível em: <<https://eduardocabette.jusbrasil.com.br/artigos/121938042/o-discurso-juridico-e-as-ideias-de-bakhtin-e-seu-circulo>> Acesso em: jan. 2018.

CABRAL, Luís R; SILVA, Lourdes Maria O. C. **Construção de sentido: análise do gênero capa de revista.** Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/3562>> Acesso em: ago. 2018.

CALAZANS, Ricardo. **Ascensão e queda de Eduardo Cunha, um dos políticos mais poderosos do país.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37347866>> Acesso em: abr. 2018.

CANDIA, Ulices. **Voloshinov, a palavra como arena de luta de classes.** Disponível em: <<http://esquerdadiario.com.br/Voloshinov-a-palavra-como-arena-de-luta-de-classes>> Acesso em: fev. 2018.

CASTRO, Grasielle; FERNANDES, Marcella. **2016: o ano em que (quase) tudo aconteceu na política brasileira.** Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/12/25/2016-o-ano-em-que-quase-tudo-aconteceu-na-politica-brasileira_a_21700903/> Acesso em: fev. 2018.

CIDADE VERDE. **Retrospectiva 2016: os acontecimentos que foram destaque no Brasil.** Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/237954/retrospectiva-2016-os-acontecimentos-que-foram-destaque-no-brasil>> Acesso em: mai. 2018.

COMIN, Fábio S. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: Contribuições para a educação a distância. **Educação em revista**, Belo Horizonte, MG, V.30, n. 03, p. 245-265, jul./set. 2014.

DAVID, Wilson. **Anotações sobre Bakhtin.** Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00006.htm>> Acesso em: jun. 2018.

FARACO, Carlos A. **Linguagem & diálogo: As ideias do Círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos A. Bakhtin e filosofia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.12, n. 2, p. 45-56, maio/ago, 2017.

FARENCENA, Gessélda; PEREIRA, Luciara. **As especificidades do gênero capa de revista.** Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20rev%2021%20em%20PDF/as%20especificidades%20do%20genero%20capa%20de%20revista.pdf>> Acesso em: set. 2018.

FERNANDES, Eliane M.F; LIMA, Lucielena M; NOGUEIRA, Susana S. *Perspectivas do dialogismo bakhtiniano nas orientações curriculares nacionais de língua portuguesa.* Curitiba: Revista X, volume 12, n.3. p. 63-83, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso.** 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOLHA POLÍTICA. **Marqueteiro do PT destrói Dilma em negociação da delação premiada.** Disponível em: <<https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/370680045/marqueteiro-do-pt-destroi-dilma-em-negociacao-de-delacao-premiada>> Acesso em: ago. 2018.

FREIRE, Ana F. M; FERREIRA, Nathalia B.S. **Discurso e ideologia: uma análise das capas da revista Veja e das respostas de memes nas redes sociais.** Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/trabalhos/TRABALHO_EV066_MD1_SA19_ID324_15032017191516.pdf> Acesso em: fev. 2018.

GALVÃO, Jesus. **A história da Medusa é mais trágica do que você imagina.** Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/historia-de-medusa-e-mais-tragica-do-que-voce-imagina/>> Acesso em: mai. 2018.

GOMES. Luiz F. **O que são crimes de responsabilidade do presidente da república? – Ronaldo Pazzanese.** Disponível em: <<https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/108029/o-que-sao-crimes-de-responsabilidade-do-presidente-da-republica-ronaldo-pazzanese>> Acesso em: mar. 2018.

LETRAS. **Pra tudo se acabar na quarta-feira.** Disponível em:<<https://www.letras.mus.br/martinho-da-vila/287450/>> Acesso em: jun. 2018.

LETRAS E HUMANIDADES. **Análise da canção de Chico Buarque – Vai Passar.** Disponível em:<<http://letrasehumanidades2011.blogspot.com/2011/11/analise-da-cancao-de-chico-buarque-vai.html>> Acesso em: jun. 2018.

MEIO & MENSAGEM. **Maior semanal do país, revista Veja faz 50 anos.** Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2018/09/12/maior-semanal-do-pais-revista-veja-faz-50-anos.html>> Acesso em: out.2018.

MEUS DICIONÁRIOS. **Significado de petrolão.** Disponível em:<<https://www.meusdicionarios.com.br/petrolao>> Acesso em: abr. 2018.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Entenda como a Odebrecht aparece na Operação Lava Jato.** Disponível em:<<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-como-a-odebrecht-aparece-na-operacao-lava-jato,1625520>> Acesso em: ago. 2018.

O GLOBO. **A trajetória de Eduardo Cunha, da Telerj à presidência da Câmara, cassação e prisão.** Disponível em:<<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/a-trajetoria-de-eduardo-cunha-da-telerj-presidencia-da-camara-cassacao-prisao-20110995>> Acesso em: abr. 2018.

OLICSHEVIS, Giovana. Mídia e opinião pública. **Revista Vernáculo**, n.17 e 18, 2006.

PAULA, Luiz F.; PIRES, Manoel. **Crise e perspectivas para a economia brasileira.** Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100125> Acesso em: abr. 2018.

PORTAL VERMELHO. **Juristas apontam ilegalidades no processo de impeachment.** Disponível em:<<http://www.vermelho.org.br/noticia/279289-1>> Acesso em: jan. 2018.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do Círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem e {Dis}curso – LemD**, Tubarão, SC, V.14, n. 1, p. 177-194, jan./ abr. 2014.

PUZZO, Miriam B. A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição de sentido. **Revista Intercâmbio**, v.XX, p. 125-138, 2009.

RODRIGUES, Natália W. **Entenda melhor o que são medidas macroprudenciais e atuação na economia**. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/noticia/2066656/entenda-melhor-que-sao-medidas-macroprudenciais-sua-atuacao-economia>> Acesso em: abr. 2018.

ROTH, Désirée M. et al. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

SALLES, Marilene L. M; SANTOS, Ana Carolina N. O impeachment da presidente Dilma Rousseff nos discursos de Veja e Carta Capital à luz da obra O Príncipe, de Nicolau Maquiavel. **Revista Científica Faesa**, Vitória, ES, v. 13, n.1, p. 22-27, 2017.

SANTOS, Jefferson F.V. **A respeito de Bakhtin e de Foucault: aproximações e disparidades entre os conceitos de enunciado**. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao12/art_04.php> Acesso em: fev.2018.

SIGNIFICADO. **Significado de propina**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/propina/>> Acesso em: jan. 2018.

SILVA, Anderson C. **Propaganda impressa de preservativo: a contribuição da responsividade na estratégia de persuasão**. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_acsilva.php> Acesso em: set. 2018.

SILVEIRA, L.F.B. da. A produção social da linguagem: uma leitura do texto de Mikhail Bakhtin (V.N. Volochinov), marxismo e filosofia da linguagem. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 4, p. 15-39, 1981.

SPUTENIK BRASIL. **Retrospectiva 2015: os fatos políticos que marcaram o ano do Brasil e da América Latina**. Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/mundo/201512293184740-retrospectiva-2015-fatos-politicos-marcaram-brasil/>> Acesso em: fev. 2018.

VADEMECUM. **Seção III Da Responsabilidade do Presidente da República**. Disponível em: <https://brasil.mylex.net/legislacao/constituicao-federal-cf-art85_9514.html> Acesso em: mar. 2018.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 48, n. 32, 12 de ago. 2015.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 48, n. 39, 30 de set. 2015.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 48, n. 40, 07 de out. 2015.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 48, n. 41, 14 de out. 2015.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 48, n. 46, 18 de nov. 2015.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 48, n. 49, 09 de dez. 2015.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 48, n. 50, 16 de dez. 2015.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 49, n. 04, 27 de jan. 2016.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 49, n. 06, 10 de fev. 2016.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 49, n. 04, 27 de jan. 2016.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 49, n. 11, 16 de mar. 2016.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 49, n. 15, 13 de abr. 2016.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 49, n. 19, 11 de mai. 2016.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 49, n. 32, 10 de ago. 2016.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 49, n. 36, 07 de set. 2016.

VEJA. *Odebrecht cita Temer, marqueteiro destrói Dilma*. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/veja/videos/odebrecht-cita-temer-marqueteiro-destrói-dilma/10154155099450617/>> Acesso em ago. de 2018.

WIKIPÉDIA. **Caixa dois**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa_dois> Acesso em mar. de 2018.

WIKIPÉDIA. **Impeachment de Dilma Rousseff**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Impeachment_de_Dilma_Rousseff> Acesso em: fev. 2018.

WIKIPÉDIA. **Impeachment de Fernando Collor**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Impeachment_de_Fernando_Collor> Acesso em: out. 2018.

WIKIPÉDIA. **Impeachment no Brasil**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Impeachment_no_Brasil> Acesso em: out. 2018

WIKIPÉDIA. **Mercadólogo (profissão)**.Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercad%C3%B3logo_\(profiss%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercad%C3%B3logo_(profiss%C3%A3o))> Acesso em: ago. 2018.

WIKIPÉDIA. **Nestor Cerveró**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nestor_Cerveró#Condena%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: fev. 2018.

WIKIPÉDIA. **Newton Ishii**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Nestor_Cerveró#Condena%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: fev. 2018.

WIKIPÉDIA. **Operação Lava Jato**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Operação_Lava_Jato> Acesso em: mar. 2018.

WIKIPÉDIA. **Pavel Medvedev (Scholar)**. Disponível em:<[https://en.wikipedia.org/wiki/Pavel_Medvedev_\(scholar\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Pavel_Medvedev_(scholar))> Acesso em: fev. 2018.

WIKIPÉDIA. **Veja**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Veja>> Acesso em: out. 2018.

WIKIPÉDIA. **Votações no processo de impeachment de Dilma Rousseff**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Votações_no_processo_de_impeachment_de_Dilma_Rousseff> Acesso em: mar. 2018.